



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

RELATÓRIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL E PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

ENSEMBLE DE PERCUSSÃO:

**uma proposta de aprendizagem colaborativa no ensino artístico
especializado do instrumento percussão**

Relatório apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música

Miguel Soares Ferreira de Sousa Carneiro

Porto, janeiro de 2020



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

RELATÓRIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL E PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

ENSEMBLE DE PERCUSSÃO:

**uma proposta de aprendizagem colaborativa no ensino artístico
especializado do instrumento percussão**

Relatório apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música

Miguel Soares Ferreira de Sousa Carneiro

Trabalho efetuado sob a orientação da Doutora Luísa Orvalho

Porto, janeiro de 2020

Página deixada propositadamente em branco

AGRADECIMENTOS

Principiando o meu relatório da Prática Profissional, deixo os meus sentidos agradecimentos a ambos os orientadores deste relatório:

- à Professora Doutora Luísa Orvalho, por toda a paciência na orientação científica da Prática Profissional e redação deste Relatório e, por ter facilitado o meu processo de desenvolvimento pedagógico, profissional e pessoal.

- ao Professor João Paulo Fernandes, pela disponibilidade total demonstrada em cooperar e auxiliar nas etapas da Prática Profissional-

Agradeço, também, ao Conservatório de Guimarães, por me ter possibilitado a realização da Prática Profissional, nunca oferecendo dificuldades na realização de todas as etapas desta caminhada.

Uma palavra de apreço a todos os professores e todos os colegas com quem já trabalhei e estudei, sem os quais nunca aqui estaria.

Por último, à minha família, o meu porto seguro, onde me refugio nas alturas menos boas, que me deu as forças para continuar a trabalhar com afinco na preparação do meu presente/ futuro.

Página deixada propositadamente em branco

RESUMO

O presente relatório pretende evidenciar as aprendizagens que realizei durante a iniciação à prática de ensino supervisionada, na área de especialização de *Prática Instrumental e Vocal: Percussão*, bem como, a realização do Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP), subordinado ao tema “*Ensemble de Percussão – uma proposta de aprendizagem colaborativa no ensino artístico especializado do instrumento percussão*”, realizadas no Conservatório de Guimarães (CG), durante o ano 2016/17, do Mestrado em Ensino de Música, da Escola de Artes, da Universidade Católica Portuguesa – Católica Porto.

A investigação aplicada à conceção, implementação e avaliação do Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP), pretendeu alertar para os benefícios advindos de uma prática instrumental em grupo, utilizando os instrumentos que os alunos aprendem e vivenciam nas aulas individuais de instrumento. A identificação do problema e a consequente escolha do tema, deveu-se à constatação da falta de prática instrumental em grupo, na medida em que no Conservatório de Guimarães, a única experiência de trabalho coletivo é feita na disciplina de Coro. Ao criar um Ensemble de Percussão, trabalhando colaborativamente as pedagogias de Dalcroze, Suzuki e Kodály, onde os alunos puderam utilizar e potenciar as suas aprendizagens plenamente, mostrou ter um impacto muito positivo no desenvolvimento das suas capacidades musicais, motivacionais, sociais e interpessoais, na partilha e vivência da Música, ajudando-os a superar as dificuldades e os desafios que lhe foram sendo colocados durante o projeto de intervenção, promovendo, também, a sua autonomia e o fortalecimento dos laços de amizade grupal.

Palavras-Chave: Ensino Coletivo do Instrumento – Percussão, Ensemble de Percussão, Pedagogia Instrumental em grupo, Aprendizagem colaborativa.

ABSTRACT

This report aims to highlight the learning I took during the initiation to supervised teaching practice, in the area of specialization of Instrumental and Vocal Practice: Percussion, as well as the realization of the Pedagogical Intervention Project (PIP), under the theme “Percussion Ensemble – a collaborative learning proposal in the specialized artistic teaching of the percussion instrument”, both held at the Guimarães Conservatory(CG), during 2016/17, of the Master’s in Music Teaching, at the School of Arts, from the Portuguese Catholic University - Católica Porto.

The research applied to the conception, implementation and evaluation of the Pedagogical Intervention Project (PIP), intended to alert to the benefits arising from an instrumental group practice, using the instruments that students learn and experience in individual instrument classes. The identification of the problem and the consequent choice of theme, was due to the lack of instrumental group practice, as in the Guimarães Conservatory, the only collective work experience is done in the Choir discipline. By creating a Percussion Ensemble, working collaboratively with the pedagogies of Dalcroze, Suzuki and Kodály, where students were able to fully use and enhance their learning, it showed to have a very positive impact on the development of their musical, motivational, social and interpersonal skills, in sharing and experiencing Music, helping them to overcome the difficulties and challenges that were posed to them during the intervention project, also promoting their autonomy and strengthening the bonds of group friendship.

Keywords: Instrument Teaching - Percussion, Percussion Ensemble, Collective Music Teaching, Collaborative Learning.

Índice

AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
SIGLÁRIO	xi
INTRODUÇÃO	1
PARTE 1 – PRÁTICA PROFISSIONAL	3
1. Enquadramento	3
1.1 Os meus orientadores da Prática Profissional	3
1.2 Entidade Acolhedora	4
1.3 Breve referência ao percurso profissional anterior à Prática Profissional.....	4
1.4 Área de Especialização da Prática Profissional	5
1.5 Relação com a entidade acolhedora da Prática Profissional	6
2 Descrição Detalhada	8
2.1 Contextualização da Prática Profissional no projeto educativo do Conservatório Guimarães.....	8
2.2 Objetivos da Prática Profissional do ponto de vista do estagiário e da escola.....	10
2.3 Estratégias planeadas para alcançar os objetivos	11
2.4 Caracterização das Turmas	12
2.5 Registo das aulas dadas e assistidas.....	12
2.6 Planificações das aulas	16
2.7 Elaboração de materiais pedagógico didáticos	18
2.8 O relacionamento com os encarregados de educação	19
2.9 Integração no grupo profissional	20
2.10 Comentários das aulas assistidas	22
2.11 Reflexão dos resultados obtidos pelos alunos	26
2.12 Identificação dos desafios da Prática Profissional e seus resultados.....	27

2.13 Breve descrição do Projeto de Intervenção Pedagógica.....	28
2.14 Auto e Coavaliação da minha prática docente.....	30
2.14.1 Autoavaliação	30
2.14.2 A Coavaliação da minha prática docente	31
Pelos Alunos	31
Pelos Encarregados de Educação	31
Pela Orientadora Científica	32
Pelo Orientador Pedagógico Cooperante.....	32
Pelo Colega de departamento.....	33
Pelo Colega de mestrado e de profissão	33
Conclusão	34
PARTE II – PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	36
Resumo.....	37
Introdução	39
1 Estado de Arte	39
1.1 Pedagogia instrumental em grupo	40
1.2 Aprendizagem Cooperativa estruturada.....	44
1.2.1 Conceitos chave e princípios da aprendizagem cooperativa estruturada	44
1.3 Pedagogia Musical e Didática de Emile Jaques Dalcroze.....	47
1.3.1 Princípios Base da metodologia de Emile Jaques Dalcroze.....	48
2. Metodologia de Investigação	49
2.1 O problema da investigação, finalidade do estudo e questões problema	50
2.2 Design do estudo empírico.....	51
2.2.1 Caracterização dos Participantes	52
2.2.2 Técnicas e instrumentos de recolha e produção de dados	53
2.2.3 Técnicas de análise e interpretação de dados.....	53

2.2.4 Calendarização e Procedimentos	54
3.Apresentação e discussão dos resultados.....	78
4.Conclusão.....	86
Bibliografia e Referências bibliográficas.....	90
ANEXOS	94
ANEXO I – Critérios de avaliação – Conservatório de Guimarães.....	95
ANEXO II - Exemplo de planificação de aula	99
ANEXO III – Parecer da Orientadora Científica	104
ANEXO IV – Parecer do Orientador Pedagógico Cooperante.....	105
ANEXO V – Parecer dos Alunos	106
ANEXO VI – Parecer do Encarregado de educação	107
ANEXO VII – Parecer do Colega de departamento	108
ANEXO VIII – Parecer do Colega de profissão e de mestrado	109
ANEXO IX –PIP - Exemplar de Inquérito 1.....	110
ANEXO X –PIP – Exemplar de Autorização Com Consentimento	112
Índice de Figuras.....	113
Índice de Tabelas.....	114

Siglário

GC - Grupo de controlo

GE - Grupo experimental

CG- Conservatório de Guimarães

PA - Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória

PIP - Projeto de Intervenção Pedagógica

PP - Prática Profissional

UCP - Universidade Católica Portuguesa

Introdução

O presente relatório resulta da Prática Profissional (PP), do Mestrado em Ensino de Música, da Escola das Artes, da Universidade Católica Portuguesa, realizada no Conservatório de Guimarães pelo mestrando Miguel Carneiro, sob orientação científica e pedagógica da Professora Doutora Luísa Orvalho e o Professor João Paulo Fernandes. Tem como objetivo evidenciar todo o percurso realizado durante o último ano deste mestrado e relatar a evolução, enquanto docente, que me foi exigida para suprir as diversas dificuldades colocadas.

Para realizar a Prática Profissional, o Professor João Paulo Fernandes disponibilizou as aulas de cinco alunos do quinto ano de escolaridade e de dois alunos do sétimo ano de escolaridade, do primeiro e terceiro graus respetivamente. Inicialmente assisti à lecionação das mesmas e posteriormente passei a lecioná-las com supervisão atenta e crítica do orientador pedagógico acompanhante. Ao longo da Prática Profissional tive quatro aulas com a supervisão de ambos os orientadores.

Na **primeira parte** deste relatório, pretendo descrever e avaliar todos os momentos e etapas de aprendizagem pedagógica, que vivenciei e apliquei ao longo da Prática Profissional. **Na segunda parte**, descrevo o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) que desenvolvi no Conservatório de Guimarães, durante o ano letivo 2016/2017, entre o dia vinte e três de fevereiro e o dia três de julho, procurando colmatar uma carência do plano curricular desta instituição, com a criação de um “Ensemble de Percussão” para os alunos da classe de Percussão do Professor João Paulo Fernandes que aceitaram o meu desafio.

A metodologia de investigação de natureza essencialmente qualitativa, seguiu uma estratégia de aproximação ao estudo empírico, centrado no Conservatório de Guimarães, tendo como participantes quatro alunos da disciplina de instrumento, do Curso Básico de Música, do quinto ano e dois alunos da disciplina de instrumento, do Curso Básico de Música do sétimo ano, sendo estes alunos do 1º e do 3º grau respetivamente.

Procurando os pontos em comum e as especificidades de cada uma das pedagogias musicais de Dalcroze, de Suzuki e Kodály, criei um projeto – um ensemble de percussão – que oferecia aos alunos a possibilidade, não só, de tocar em conjunto, como também, utilizar o instrumento que aprendem no Conservatório de Guimarães, mais especificamente a percussão corporal, com o objetivo de tornar o projeto de intervenção rico e frutífero para os alunos envolvidos. Desta maneira estando todos os participantes do ensemble, em pé de igualdade, podiam, assim, expressar-se com um maior vocabulário musical e técnico.

PARTE 1 – PRÁTICA PROFISSIONAL

1. Enquadramento

1.1 Os meus orientadores da Prática Profissional

A minha Orientadora Científica foi a Professora Doutora Luísa Orvalho.

Doutorada e Pós-Doutorada em Ciências da Educação, pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), é investigadora do Centro de Estudos de Desenvolvimento Humano (CEDH), professora colaboradora da Escola das Artes (EA) e da Faculdade de Educação e Psicologia (FEP), é consultora do Serviço de Apoio à Melhoria da Educação (SAME), da FEP da Católica Porto. Realiza frequentemente formações para professores do Ensino Profissional e Artístico Especializado, é consultora do Ministério da Educação, Agência Nacional para Qualificação e o Ensino Profissional no âmbito das Aprendizagens Essenciais dos Cursos Artísticos Especializados e dos Cursos Profissionais.

O meu Orientador Pedagógico Cooperante foi o Professor João Paulo Fernandes.

Iniciou os seus estudos na Banda de Música de Vale de Cambra, prosseguindo-os na Escola Profissional de Música de Espinho, no curso de Percussão sob a orientação do professor Miguel Bernat. De seguida continua o seu percurso académico na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, onde continua a estudar sob a orientação do professor Miguel Bernat e do seu assistente o Professor Manuel Campos. Concluiu a profissionalização em dois mil e dez em serviço na Universidade Aberta.

Em termos artísticos incorporou o grupo de percussão Drumming, e no grupo de música mista MC47. Trabalhou com as orquestras: Orquestra Nacional do Porto; Orquestra Nacional da Madeira e Orquestra do Minho.

O professor João Paulo trabalhou no Conservatório de Música da Figueira da Foz, no Conservatório Regional de Música de Coimbra, no Conservatório de Música de Coimbra, no Conservatório de Música da Maia e no Conservatório de Música da Jobra.

Encontra-se atualmente a lecionar no Conservatório de Guimarães e na Academia de Música de Vale de Cambra.

1.2 Entidade Acolhedora

O Conservatório de Guimarães é a escola de ensino artístico que acolheu a minha Prática Profissional. O Conservatório ensina cerca de quinhentos alunos e tem cerca de cinquenta professores distribuídos entre Guimarães e o Polo de Vieira do Minho. Este Conservatório foi criado pela Sociedade Musical de Guimarães, que é uma associação cultural focada no desenvolvimento musical dos seus membros e da comunidade em geral. A criação do Conservatório veio potenciar diretamente os objetivos da associação, e neste sentido em 2007 cria o Polo do Conservatório em Vieira do Minho, expandindo a sua área de atuação às populações desta região. No Pólo de Vieira do Minho estão inscritos cerca de cento e cinquenta alunos e trabalham aproximadamente quinze professores.

O Conservatório de Guimarães é um estabelecimento de referência no Norte de Portugal, que tem como lema promover um ensino inclusivo, “Incluir como requisito de educação – a escolaridade é de todos e para todos.” (in Martins et al,(2017) O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, p.8)

1.3 Breve referência ao percurso profissional anterior à Prática Profissional

Iniciei os meus estudos em 1993 no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian onde comecei a aprender percussão. Findo o nono ano de escolaridade decidi continuar os meus estudos no Conservatório encolhendo o curso de ensino secundário de música variante composição continuando a ter aulas de Percussão.

Findo o ensino secundário ingressei na Licenciatura de Composição da ESMAE, no entanto durante o curso compreendi que a minha vida passava também pela Percussão, e assim, termino o curso de Composição e preparo-me para retomar os meus estudos de Percussão. Continuei o meu desenvolvimento académico na Universidade do Minho na Licenciatura de Música variante Percussão.

A primeira instituição onde lecionei foi o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, no ano letivo de 2010/2011 onde lecionei Percussão como professor contratado. Este foi o primeiro de dez anos em que lecionei neste estabelecimento de ensino Público especializado. De notar que nos anos letivos de 2012/2013 e 2018/2019 acumulei funções na disciplina de Introdução às técnicas de composição, e na disciplina de análise e técnicas de composição.

Durante o ano letivo de 2011/2012 fui convidado a trabalhar no Pólo de Vieira do Minho, onde lecionei a disciplina de Bateria como curso livre, e a partir do ano letivo de 2013/2014 abriu o curso em regime articulado de Percussão neste polo, onde eu assumi o cargo de Professor do mesmo desde então. Durante o ano letivo de 2018/2019 foi-me proposto substituir o Professor João Paulo Fernandes na leção de dois alunos, do Conservatório de Guimarães, devido a incompatibilidade horária, substituição que assumi e cumpro com o maior rigor e profissionalismo possível.

Enquanto professor de Bateria dei aulas em regime de curso livre nas escolas: “Palco de Estrelas” desde 2014; “Escola de Música da Banda de Música de Oliveira” no ano letivo 2017/2018; “Escola de Música da Banda de Riba de Ave” desde 2018; “Colégio Dom Diogo de Sousa” desde 2018.

1.4 Área de Especialização da Prática Profissional

A área de especialização do Mestrado em Ensino de Música que frequentei foi a Prática Instrumental e Vocal: Percussão.

1.5 Relação com a entidade acolhedora da Prática Profissional

No ano de 2011 comecei a trabalhar no Pólo de Vieira do Minho do Conservatório de Guimarães lecionando o curso livre de Bateria. Sempre que era necessário um percussionista acedi aos pedidos tentando dar o meu contributo o melhor possível. Alguns dos projetos em que pude dar o meu contributo foram os Musicais “Música no Coração”; “A Bela e o Monstro” e a “Lenda das Três Árvores”.

Foi no ano letivo de 2013/2014 que se criou o curso articulado de Percussão no Pólo de Vieira do Minho no qual eu lecionei até ao presente ano letivo (2019/2020). A partir daqui passei a sentir-me parte integrante do corpo docente tanto do polo de Vieira como do Conservatório de Guimarães, indo às reuniões gerais e de departamento onde se analisa e discute os vários temas e as situações pertinentes para o maior sucesso do Conservatório de Guimarães. Eu faço parte do Departamento de Metais e Percussão deste conservatório tendo feito parte integrante da atualização e aprovação dos programas curriculares das disciplinas deste departamento com um papel mais ativo no programa de Percussão do conservatório juntamente com o Professor João Paulo Fernandes. Este programa visou corresponder ao novo perfil do aluno privilegiando um ensino diferenciado e potenciando a autonomia dos alunos no seu percurso educativo e formativo.

“Hoje mais do que nunca a escola deve preparar para o imprevisto, o novo, a complexidade e, sobretudo, desenvolver em cada indivíduo a vontade, a capacidade e o conhecimento que lhe permitirá aprender ao longo da vida.”(in Martins et al.,2017, p.8 – O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória)

No ano letivo de 2018/2019, o departamento de Metais e Percussão conseguiu organizar o primeiro estágio “Conservatório de Verão”. Este estágio, aberto a todos os alunos do Conservatório tanto de Guimarães como de Vieira das classes de Metais e Percussão, teve como objetivo cultivar o trabalho colaborativo, criar laços entre os alunos dos diferentes anos e instrumentos, dinamizar a escola e as férias dos alunos com uma atividade pedagógica/lúdica. Envolveu todos os docentes do departamento de Metais e Percussão e cerca de quarenta alunos. Em específico na

Percussão estiveram três alunos sendo dois de Guimarães e um de Vieira. O projeto estendeu-se por três dias com ensaios de manhã e atividades lúdicas de tarde, culminando num concerto nos jardins do Centro Cultural Vila-Flor, que dado o sucesso, se repetiu uma semana depois no centro de Guimarães incluído no programa do festival “Guimarães Alegro”. O Repertório escolhido focou-se na melhoria de aspetos específicos da prática instrumental dos alunos, no entanto, procurando sempre ser estimulante e motivador, não descurando a qualidade musical.

Em suma, sinto-me realizado por poder lecionar nesta instituição onde todos trabalham com seriedade e buscam sempre melhorar, com a ajuda da direção, que nos apoia nas aulas, promove a nossa formação, instiga-nos a sermos melhores educadores abrindo-nos portas.

2. Descrição Detalhada

2.1 Contextualização da Prática Profissional no projeto educativo do Conservatório de Guimarães

A minha prática pedagógica, levada a cabo no Conservatório de Guimarães, teve como objetivo desenvolver as minhas capacidades enquanto educador na disciplina de instrumento – Percussão. Neste conservatório esta disciplina está inserida no departamento de Metais e Percussão.

O ensino, neste conservatório, centra-se nas aprendizagens dos alunos, e assim, o meu projeto de vida profissional consiste em melhorar as minhas valências pedagógicas e didáticas para estar preparado para todas as situações e dificuldades com que os alunos se deparam, enquanto professor do Pólo de Vieira desta entidade, e a partir do último ano professor do próprio Conservatório.

Sendo uma escola artística especializada procura promover a arte, mais especificamente, a Música e a Dança. Enquanto professor do Pólo de Vieira desta entidade sou a partir do último ano professor do próprio Conservatório, e como tal é do interesse do Conservatório que me instrua enquanto músico e pedagogo.

O Projeto Educativo é o documento em que constam as linhas de ação orientadoras, os parâmetros que definem o rumo escolar assente no presente, a missão estratégica rumo ao futuro. Para poder trilhar os caminhos pedagógicos com firmeza é necessário que todos os atores intervenientes estejam conscientes e internalizem o projeto educativo e conheçam bem a realidade em que ele se insere. Neste sentido, considero que a minha profissionalização está articulada com a implementação do projeto educativo do Conservatório de Guimarães. “Um professor humanista preocupa-se com o produto, mas também, com o processo, tendo em atenção a formação e o desenvolvimento integral do indivíduo” (Orvalho, 2014, p 2).

O Projeto Educativo do Conservatório de Guimarães estende-se aos vários protocolos estabelecidos com as escolas de Guimarães e Vieira do Minho, os seus docentes são os elementos de ligação entre os estabelecimentos, interpretam o projeto educativo, põem-no em prática em todas as aulas. Sendo a minha PP realizada no Conservatório de Guimarães, abriu-me a possibilidade de, através da reflexão entre mim e o meu orientador pedagógico cooperante, Professor João Paulo, alcançarmos as soluções mais eficazes para a aplicação do projeto educativo, para o planeamento e aplicação da atividade pedagógica com o objetivo de formar cidadãos integrais, cultos, autónomos, responsáveis e com conhecimento e vivência musical.

2.2 Objetivos da Prática Profissional do ponto de vista do estagiário e da escola

Imbuído pelo desejo de partilhar e ensinar Música, cresceu também o meu sentimento pela busca do saber, que me levou a aprofundar os meus estudos através do Mestrado em ensino de Música, da Universidade Católica Portuguesa, Católica Porto. Nesta instituição pude conhecer e aprofundar algumas das variadas teorias e metodologias pedagógicas desenvolvidas ao longo dos tempos. Através da PP pude pôr em prática muitos desses paradigmas, e melhorar a minha prática pedagógica, adaptando o ensino a cada um dos alunos, escolhendo estratégias diferenciadas e inclusivas adaptadas aos problemas reais e perfis de aprendizagem, aplicando os conhecimentos que adquiri durante as várias unidades curriculares do mestrado.

Dando aulas no Pólo de Vieira, ter a possibilidade de realizar a minha PP no Conservatório de Guimarães permitiu-me conhecer melhor a realidade do Conservatório e entender melhor o ambiente educativo que se vive neste estabelecimento. Através desta experiência no campo, pude tirar conclusões e ensinamentos que utilizarei para orientar o meu desempenho enquanto profissional do ensino da música de uma forma mais consentânea com o que se realiza no Conservatório de Guimarães.

O Conservatório exige o máximo de competência possível aos seus professores, e incentiva-os a serem melhores a cada dia, assim a minha PP é do interesse do Conservatório como ponte facilitadora do meu processo de desenvolvimento profissional, mas também, para o desenvolvimento organizacional do Conservatório.

A minha PP também abriu a possibilidade de criar uma maior aproximação entre os docentes de Percussão que trabalham no Conservatório, fomentando uma maior interação e colaboração entre as classes de cada um.

2.3 Estratégias planeadas para alcançar os objetivos

Enquanto mestrando do Mestrado em Ensino de Música da Escola das Artes, da Universidade Católica Portuguesa, Católica Porto fiz diversas descobertas ao longo das aulas do curso, muitas delas ao nível das práticas pedagógicas e metodologias de ensino.

Estas descobertas levaram-me a pôr a minha forma de atuar enquanto pedagogo em causa muitas vezes, levando-me a refletir sobre as minhas debilidades pensei em novas maneiras e formas de ensinar, para fazer aprender todos os alunos, até ao máximo do seu potencial, o que permitiu alcançar novas soluções.

Assim imbuído deste espírito de autocrítica e de uma prática pedagógica mais reflexiva, uma prática pedagógica mais consciente, procurei sempre criar os momentos de aprendizagem, mais eficazes para que os alunos adquirissem as aprendizagens essenciais do instrumento de Percussão, do nível em que estes se encontravam.

Em linha pedagógica com o meu PIP, as aulas em conjunto, dos dois alunos do primeiro grau, fui criando tarefas e exercícios onde os dois alunos podiam interagir, e nas quais eu tinha a minha atenção dividida o mais equitativamente possível. Um dos exemplos destes exercícios foi enquanto um dos alunos tocava a sua peça no instrumento, o outro percutia o tempo com os dedos, marcava o compasso ou acompanhava com linhas simples nos instrumentos que estivessem disponíveis.

2.4 Caraterização das Turmas

No ano letivo de 2016/17 realizei a minha PP no Conservatório de Guimarães lecionando e assistindo às aulas da disciplina de instrumento do professor João Paulo Fernandes.

As aulas de instrumento foram lecionadas individualmente ou em pares, sendo os alunos observados, do segundo e terceiro ciclo de escolaridade. A faixa etária dos alunos em questão situa-se nos dez aos doze anos de idade (segundo ciclo do ensino básico), nos doze aos catorze anos (terceiro ciclo do ensino básico) e eram provenientes das escolas da EB2/3 de João de Meira e da EB2/3 Arqueólogo Mário Cardoso.

2.5 Registo das aulas dadas e assistidas

Foram quatro as aulas da disciplina de instrumento, em que tive a supervisão pedagógica dos meus dois orientadores, sendo uma aula de ensino individual, do quinto ano, outra de ensino individual, do oitavo ano e duas aulas em conjunto do quinto ano, com dois alunos.

A primeira aula assistida foi a quatro de janeiro de dois mil e dezassete, sendo esta uma aula de conjunto, com dois alunos do quinto ano. A segunda aula foi uma aula individual com um aluno do sétimo ano no dia vinte cinco de janeiro de dois mil e dezassete. A terceira aula, foi mais uma aula individual com um aluno do quinto ano, no dia vinte e três de fevereiro de dois mil e dezassete. A quarta aula foi uma aula de conjunto, com dois alunos do quinto ano, no dia quinze de março de dois mil e dezassete. Na Tabela 1 apresento as aulas dadas e assistidas, os dias e os orientadores que assistiram:

TABELA 1 AULAS ASSISTIDAS

Data	Orientadora científica	Orientador pedagógico cooperante	Tipo de aula	Ano	Aula dada ou assistida
07/12/2016		X	Individual	7ºano	Assistida
07/12/2016		X	Individual	7ºano	Assistida
07/12/2016		X	Conjunto	5ºano	Assistida
14/12/2016		X	Individual	7ºano	Assistida
14/12/2016		X	Individual	7ºano	Assistida
14/12/2016		X	Conjunto	5º ano	Assistida
04/01/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
04/01/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
04/01/2017	X	X	Conjunto	5ºano	Dada
05/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
05/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
11/01/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
11/01/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
11/01/2017		X	Conjunto	5ºano	Assistida
12/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
12/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
18/01/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
18/01/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
18/01/2017		X	Conjunto	5ºano	Assistida
19/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
19/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
25/01/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
25/01/2017	X	X	Individual	7ºano	Dada
25/01/2017		X	Conjunto	5ºano	Assistida
26/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
26/01/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
01/02/2017		X	Individual	7ºano	Assistida

01/02/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
01/02/2017		X	Conjunto	5ºano	Assistida
02/02/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
02/02/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
08/02/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
08/02/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
08/02/2017		X	Conjunto	5ºano	Assistida
09/02/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
09/02/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
15/02/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
15/02/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
15/02/2017		X	Conjunto	5ºano	Assistida
16/02/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
16/02/2017		X	Individual	5ºano	Assistida
22/02/2017		X	Individual	7ºano	Assistida
22/02/2017		X	Individual	7ºano	Dada
22/02/2017		X	Conjunto	5ºano	Dada
23/02/2017		X	Individual	5ºano	Dada
23/02/2017	X	X	Individual	5ºano	Dada
02/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada
02/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada
08/03/2017		X	Individual	7ºano	Dada
08/03/2017		X	Individual	7ºano	Dada
08/03/2017		X	Conjunto	5ºano	Dada
09/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada
09/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada
15/03/2017		X	Individual	7ºano	Dada
15/03/2017		X	Individual	7ºano	Dada
15/03/2017	X	X	Conjunto	5ºano	Dada
16/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada
16/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada

22/03/2017		X	Individual	7ºano	Dada
22/03/2017		X	Individual	7ºano	Dada
22/03/2017		X	Conjunto	5ºano	Dada
23/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada
23/03/2017		X	Individual	5ºano	Dada

2.6 Planificações das aulas

O trabalho de um professor não se cinge à sala de aula, refletir e delinear estratégias de ensino diferenciadoras e inclusivas fazem parte do processo pedagógico.

“A reflexão crítica e autocrítica sobre as planificações e o desenvolvimento curricular implementados ...evidencia e regista mudanças significativas nas estratégias, nas atividades de aprendizagem dos alunos, na sala de aula e, identifica uma multiplicidade de fatores críticos, próprios do processo tão complexo como é a inovação educativa” (Orvalho, Alonso e Azevedo, 2009, p. 19).

Através de uma ponderada planificação o professor pode desenvolver novas estratégias, e inovar. Cada aluno é um indivíduo único, com características diferentes a todos os níveis, é dever do professor tê-las em conta, durante a planificação das suas aulas, como referem os autores Orvalho, Alonso & Azevedo (2009, p. 5) “Cada escola é uma realidade única e ecológica, requerendo, a utilização de estratégias específicas e adequadas para estimular a mudança.”

Antes de começar esta etapa de supervisão pedagógica, as planificações, para mim, eram uma burocracia desatualizada e inibidora, um esquema onde colocava os conteúdos da aula fechado a qualquer mudança. A planificação de uma aula era feita baseada somente no conteúdo. Centrar a aula apenas nesse aspeto tornava o processo de planificar incoerente, e muitas vezes inadequado. Estas minhas más práticas podem estar relacionadas com o que Roldão descreve “A principal dificuldade relativamente ao aprofundamento do conceito de ensinar resulta exatamente da sua proximidade e centralidade na prática quotidiana de todos nós professores.” (Roldão, 2009, p. 13), não questionar as minhas práticas levou-me a perpetuar más práticas. Ao frequentar o mestrado e mais especificamente ao realizar a minha PP, levou-me a questionar as minhas práticas e a minha conceção de ser professor

Para começar a aula esclareço o aluno quanto às tarefas e aos objetivos de aprendizagem planeados para essa aula. “Informo claramente o aluno do que se espera

dele (...)" (Orvalho, 2004, p. 1). Ensinar, enquanto fazer aprender, necessita de ter um objetivo claro a ser aprendido, tanto para o professor como para o aluno (Roldão, 2009).

Durante as aulas assistidas uma das críticas que me fizeram foi relativa à gestão do tempo. Exatamente por isso, procurei melhorar esse aspeto. Programar as tarefas tendo em conta as várias características dos aprendizes e conceder mais realizarem as tarefas, como refere Orvalho "Conceder tempo variável para os diversos alunos, em função dos conhecimentos prévios e da velocidade de aprendizagem (...)" (Orvalho, 2014, p.1).

A reflexão é algo indispensável para construir e elaborar as planificações, aliás Roldão afirma acerca das reuniões de departamento:

Do desejável investimento do trabalho de gestão do currículo nestes órgãos de gestão intermédia, tantas vezes remetidos para funções meramente administrativas ou executivas, depende, no essencial, a melhoria e a adequação das estratégias de trabalho do conjunto de professores que, na sua ação individual em cada disciplina ou espaço curricular, as reconstruirão de acordo com a sua decisão individual. (Roldão, 2009, p. 27)

Roldão defende a necessidade de a reflexão não ficar apenas no trabalho individual de cada professor, deve antes basear-se numa reflexão partilhada por todos os professores, como alicerce da reflexão individual.

A avaliação é um fator importante da aprendizagem, no entanto, não se deve prender o papel avaliador apenas ao professor, segundo Orvalho é importante "Verificar o processo e o produto da aprendizagem em quantidade e qualidade, (...) tendo em conta os critérios priorizados, utilizando mecanismos de correção e superação – avaliação autêntica, formativa, mais participada e reflexiva "(Orvalho, 2014, p. 1).

A **ANEXO X**, é um exemplo da planificação da aula de ensino coletivo, aos alunos do 5ºano do Curso Básico de Música-2º ciclo instrumento/percussão, dada no dia 15 de março de 2017 e assistida pelos dois orientadores.

2.7 Elaboração de materiais pedagógico-didáticos

No prefácio do livro “O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (PA) lê-se “A educação para todos, consagrada como primeiro objetivo mundial da UNESCO, obriga à consideração da diversidade e da complexidade como fatores a ter em conta ao definir o que se pretende para a aprendizagem dos alunos à saída dos 12 anos da escolaridade obrigatória.”(in Martins et al. ,2017, p.6)

O professor tem de ser versátil e criativo para corresponder à evolução dos alunos. O professor tem de ter a capacidade de criar materiais pedagógicos adequados, muitas vezes, baseando-se em materiais pedagógicos antigos, mas atualizando-os para estarem a par da nova realidade, do perfil do novo aluno do século XXI. Durante a minha PP, e com a ajuda fulcral da Doutora Luísa Orvalho, atualizei as minhas planificações, e criei grelhas de autoavaliação adequadas para os alunos do ensino especializado da música/instrumento percussão.

Durante o meu PIP, tive a possibilidade de dar largas à minha criatividade e criar vários exercícios que depois utilizei nas aulas do projeto de intervenção pedagógica:

O Telefone estragado musical – Neste exercício eu, ou um dos alunos, cantava uma linha melódica ao ouvido de um dos alunos, que tinha de reproduzir o que tinha ouvido para o colega seguinte, até chegar ao último que tinha de cantar para todos ouvirmos, e para eu confirmar se era ou não a linha melódica original. Este exercício testa a perceção auditiva de afinação, e a capacidade de a reproduzir com exatidão, algo essencial para qualquer músico, no caso da percussão, ajuda os alunos a afinarem os tímpanos.

Círculo de apresentação dinâmico – Este exercício tem como objetivo quebrar o gelo. Sendo este um projeto com alunos que mal se conheciam, este exercício permitia a todos decorarem, pelo menos, os nomes dos restantes. Durante as sessões este passou a ser um exercício de criatividade, substituindo os nomes dos alunos por frases rítmicas simples inventadas por eles e expressadas através de percussão corporal.

Lançar Palmas – Para este exercício eu e os alunos formávamos um círculo, depois eu olhava para o aluno à minha direita ou à minha esquerda e batia uma palma na sua

direção, ele tinha de repetir o processo para o aluno do outro lado, que por sua vez também o repetia, até eu os mandar parar. Teríamos, assim, uma palma a passar por todos infinitamente. Durante o exercício eu lançava mais palmas até termos três a rodar entre todos os alunos. Este exercício trabalha a velocidade de reação dos alunos, bem como a capacidade de entender a direção para onde deviam “lançar” as suas palmas.

Farol Rítmico – neste exercício os alunos marchavam em círculo virados para o meio, eu ficava no meio e ia fazendo ritmos que eles quando eu olhasse para eles repetiam. Neste exercício criava várias camadas rítmicas através de ritmos e sons simples.

Estes exercícios foram utilizados durante o meu projeto de intervenção, alguns deles continuo a usar, mas criei muitos outros com base nestes e continuarei a criar para corresponder à evolução dos alunos.

2.8 O relacionamento com os encarregados de educação

Manter um relacionamento próximo e positivo com os encarregados de educação é algo de extrema importância. O professor tem um papel de estabelecer e promover esta ligação. Os encarregados de educação devem estar sempre informados do desempenho dos seus educandos, seja no cumprimento das tarefas das aulas como relativamente ao comportamento e atitudes.

Os encarregados de educação têm de fazer parte ativa da vida académica dos seus educandos. Verificar o caderno diário, conversar sobre a escola e perguntar pelos trabalhos de casa, muitas vezes são atitudes subvalorizadas. O aluno precisa de um ambiente familiar propício à aprendizagem.

Relativamente à relação escola-família Dias diz que, no método Suzuki “A presença dos pais nas aulas é essencial, pelo menos nos primeiros tempos, para que possam tomar notas, de forma a poder ajudar os filhos em casa no estudo (...) (Dias, 2014, p.59).

No que toca ao envolvimento parental, Suzuki acreditava que os pais devem estar presentes nas primeiras aulas, de modo, a poderem ajudar ativamente os seus filhos a

estudar de uma forma eficiente, visto muitos deles não terem conhecimentos musicais suficientes para o poder fazer.

Este é o tipo de relação que eu gosto de criar com os pais. Havendo a possibilidade de os ter na sala de aula, convido-os com a esperança de, assim, poderem ajudar os seus educandos a estudar. No caso dessa ser uma impossibilidade, comunico-lhes através do caderno diário explicando de forma sucinta o que é esperado em cada um dos exercícios. Muitas vezes quando os alunos ainda são muito novos envio trabalhos de casa que “obriguem” os pais a participar. Procuro relatar semanalmente o progresso dos seus educandos.

Acredito através destas ações propiciar a aproximação dos pais à vida escolar dos filhos, torná-los sujeitos ativos desta parte da vida dos seus filhos. Parte essa cada vez maior e mais exigente.

2.9 Integração no grupo profissional

No início da minha aprendizagem, dentro da Música, o trabalho colaborativo foi o motivo para eu prosseguir os meus estudos e trabalhar nesse ramo. Quando estamos em orquestra, funcionamos como uma escola deve funcionar. Todos temos como objetivo formar alunos completos, dando cada um, um contributo diferente. Na orquestra, apesar de cada um tocar um instrumento, sob a batuta do maestro, assim como na orquestra, a conjugação e a interação entre todos é que torna as notas musicais, as várias matérias, em Música, aprendizagem.

Temos de “Diversificar as estratégias de ensino, em função dos pontos de partida, do contexto, das inteligências múltiplas dos alunos, para que todos os alunos possam alcançar os objetivos enunciados, embora com um grau de domínio da competência diferente – diferenciação pedagógica”(Orvalho, 2014, p.1) como Orvalho nos explica, pois cada aluno, tem pontos de partida diferentes cabendo à equipa de professores, na escola, garantir que todos os alunos tenham a possibilidade de adquirir o conhecimento,

desenvolvendo uma ação especializada, fundada em conhecimento próprio, capaz de os fazer aprender (Roldão, 2009, p.14).

Para Alarcão & Tavares (2013, p. 9)

A supervisão é uma atividade que visa o desenvolvimento e a aprendizagem dos profissionais. No caso dos professores, esses profissionais supervisionam e gerem o desenvolvimento e a aprendizagem dos seus alunos. O supervisor como professor ou, como hoje se diz facilitador de aprendizagens ou como gestor de aprendizagens exerce uma influência direta sobre uns e indireta sobre os outros.

Outra vertente do trabalho colaborativo é a supervisão, algo que eu desconhecia, até ter sido supervisionado no âmbito deste mestrado.

Apesar do termo à primeira vista, para os mais desinformados, poder causar alguma celeuma, a realidade é que da supervisão pedagógica se pode retirar ilações mais completas do que se nunca. As várias perspetivas sobre o mesmo assunto podem resultar em novas e mais eficazes soluções para os problemas do dia-a-dia. Acrescendo a perspetiva de alguém mais experiente, mais depressa o supervisionado encontrará novas e adequadas estratégias para as situações que lhe possam surgir.

Um dos momentos mais importantes de trabalho colaborativo, são as reuniões, sejam de que natureza forem. Nesses momentos os professores podem discutir práticas e problemas escolares e a solução para os mesmos. Onde todos podem dar o seu contributo e sugerir soluções para as mais variadas situações.

2.10 Comentários das aulas assistidas

Nas aulas assistidas, os orientadores estiveram atentos ao meu desempenho recolheram as informações necessárias para, no fim da aula, darem a sua opinião e conselhos para melhorar as minhas práticas pedagógicas.

O principal ponto evidenciado foi a falta de gestão do tempo da aula, apesar da planificação teórica, na prática, eu perdia a noção do tempo gasto em cada tarefa o que me levou a não ter tempo útil para realizar a reflexão sobre a autoavaliação dos alunos, algo que fui, no entanto, melhorando durante as quatro aulas. Outro ponto referido foi o facto de a própria não contemplar os tempos corretos do processo de ensino-aprendizagem. A importância dada às planificações foi um ponto que me levou a evoluir em muito no meu processo pedagógico, pensar e programar atividades para uma aula tem de ser algo suficientemente flexível para responder aos ritmos e necessidades apresentadas pelos alunos. Por vezes, apesar das boas intenções, programei atividades demasiado fechadas em si, pouco contextualizadas e adaptadas ao modo de aprender dos alunos e nem sempre do modo mais eficiente de trabalhar os mesmos conteúdos para cada um dos alunos.

A observação feita que mais me marcou, foi no fim da primeira aula assistida. Dois dos exercícios que eu fiz nessa aula de conjunto com dois alunos, foram muito individualizados, sem a preocupação de que todos os exercícios programados e realizados deveriam propiciar a participação de ambos. A aula não deve ter momentos mortos para nenhum dos dois, caso contrário, a concentração do aluno será quebrada prejudicando esse aluno em termos de aprendizagem. Esta observação realmente propiciou uma reflexão sobre a minha prática pedagógica, tendo repercussões diretas na preparação das minhas aulas daí em diante.

Nas primeiras aulas assistidas senti-me um pouco inseguro, não me sentindo à vontade com a presença de dois professores mais experientes a analisar o que eu fazia e dizia

durante as aulas. Consoante o tempo foi passando, e fui recebendo e lidando com críticas e análises, fui retirando ilações positivas das aulas.

Vendo, agora, em retrospectiva as aulas assistidas foram fulcrais para a minha evolução enquanto professor de música. Questionar as minhas práticas pedagógicas, levou-me a procurar novas soluções para os problemas, que não via antes por não ter o hábito de refletir sobre todos os aspetos da minha prática pedagógica.

Durante o primeiro e o segundo período letivos fui semanalmente assistir às aulas de quarta e quinta de manhã do professor João Paulo. O professor João Paulo é um professor com muita experiência tanto pedagógica como musicalmente. Ao assistir às aulas do professor João Paulo apercebi-me da relação muito próxima que ele cria com os alunos, o que propícia uma aula mais fluida e sem constrangimentos. Este ambiente amistoso facilitou a minha integração nas suas aulas. O que podia ser visto pelos alunos como um elemento extra de perturbação na para os alunos, neste ambiente favorável, aparentemente não trouxe problemas.

Em termos estruturais, as aulas do professor João Paulo decorriam mais ou menos dentro dos mesmos parâmetros. Iniciava com uma pequena reflexão com os alunos, no sentido de aferir o trabalho realizado entre aulas. Passava de seguida a um pequeno aquecimento ora na caixa com rudimentos simples, ora na marimba com escalas, arpejos e ordenações simples. Com os alunos já preparados para as dificuldades técnicas que pudessem surgir passava a trabalhar os instrumentos que estavam destinados para essa aula.

Dada a vasta família da Percussão e o curto tempo que uma aula tem para tanta variedade, o professor João Paulo, definia instrumentos para serem vistos em cada aula, dividindo de forma equilibrada o trabalho em aula realizado em cada um dos instrumentos.

Algo que me chamou a atenção durante esta parte das aulas foi o cuidado em ressaltar os avanços que os alunos iam fazendo, por mais pequenos que aparentassem ser, o professor João valorizava-os.

Terminava a aula com uma nova reflexão onde abordaria o trabalho realizado nessa aula e o trabalho a realizar para a próxima aula. Apesar da estrutura ser similar nas suas aulas, não deixava de adaptar as aulas consoante o aluno com quem estava a trabalhar.

Logisticamente o professor João Paulo tinha o cuidado de ter os instrumentos o mais arrumados possível e preparados para os alunos poderem utilizá-los. Muitas vezes tinha de os ajustar para as diferentes alturas e tamanhos.

Assistir e ser assistido, forneceu-me informações muito importantes para a minha evolução enquanto professor. Lidar com os meus defeitos e debilidades fez-me refletir, questionar-me e procurar outras soluções. Levou-me a aperfeiçoar os meus processos pedagógicos e a relação com os alunos.

Na primeira aula assistida da minha PP, eu e os dois alunos estávamos um pouco nervosos com a nova experiência, o que se refletiu, num comportamento mais irrequieto e menos correto dos dois alunos, e de uma inibição da minha parte.

Em geral a aula correu bem, apesar de um pouco indisciplinados os alunos fizeram os exercícios previstos, eu por outro lado não estive eficaz na gestão do tempo de aula. Como perdi a noção do tempo que cada tarefa devia ter, acabei por pedir aos alunos para ficarem um pouco mais para podermos realizar a autoavaliação e a marcação dos trabalhos de casa.

Relativamente aos meus orientadores, foram muito claros com as suas críticas, a gestão de tempo tinha sido o maior problema no trabalho na sala de aulas e como a planificação da aula estava extremamente incompleta, razão do meu desnorte durante a aula.

Olhando para esta primeira aula, reconheço que não tinha noção do quanto uma boa planificação podia influenciar o desenrolar da aula.

A segunda aula foi individual com um aluno um pouco mais velho, mas apesar disso correu pior do que a primeira. Na reflexão final o aluno revelou ter tido uma semana mais difícil o que o impossibilitou de estudar, e sendo este aluno um pouco mais

introvertido do que o par de alunos da primeira aula, esse pode ter sido um fator influenciador do seu desempenho nesse dia.

Nesta aula senti-me obrigado a insistir num dos estudos, o que me fez novamente perder o sentido temporal, e não cumprir a planificação. O aluno não respondia bem aos exercícios programados, e eu não tive a criatividade nem a flexibilidade para adaptá-los às suas necessidades.

No final da aula os orientadores, voltaram a apontar a minha falta de controlo do tempo das atividades de aprendizagem e a inflexibilidade demonstrada durante a aula. A planificação, apesar de melhorada, ainda estava longe de estar bem.

A terceira aula foi uma aula individual, o aluno apesar de mais novo que o da segunda aula esteve muito à vontade, e eu também me senti muito melhor.

A aula começou com uma reflexão sobre as tarefas a realizar durante a aula, e sobre o trabalho realizado em casa pelo aluno. O aluno esteve muito bem, realizou os exercícios sem problemas e os estudos também. Eu já consegui ser mais flexível sem perder a noção temporal.

No final da aula os orientadores notaram uma grande evolução em relação às duas primeiras aulas, mesmo ao nível da planificação. Deram-me os parabéns por ter conseguido gerir muito melhor o tempo da aula. Apesar de esta aula ter sido melhor que as primeiras, ficou acordado entre todas as partes que se iria fazer mais uma aula para consolidar as práticas pedagógicas.

A quarta aula voltou a ser uma aula de ensino coletivo, com os dois alunos da primeira aula assistida, mas desta vez estávamos todos muito mais calmos.

A aula correu muito bem, com todos os momentos a serem respeitados, e com exercícios diferenciados, pensados para os dois trabalharem durante a aula toda. A reflexão sobre esta aula foi feita de uma forma natural, tendo eu, no início da aula, fornecido aos alunos todos os critérios de avaliação e os respetivos descritores de nível de desempenho para que conseguissem fazer a sua autoavaliação.

2.11 Reflexão dos resultados obtidos pelos alunos

A Tabela 2, apresenta as classificações ao longo deste ano letivo dos alunos, que o professor João Paulo me disponibilizou para trabalhar. Posso dizer que os resultados foram muito positivos visto, não haver negativas e a maioria manteve ou subiu a avaliação ao longo do ano letivo.

Relativamente à exceção que se verifica no aluno B, no segundo período, deve-se ao facto deste aluno ter faltado algumas vezes, e sendo esta disciplina de apenas um bloco semanal, acredito que esse fator teve um peso decisivo no seu nível de desempenho. Acrescido do facto de no período seguinte o aluno ter retomado o nível quatro. No caso do aluno F, com o aumento na dificuldade das peças, não conseguiu manter o nível cinco no último período.

À luz destes resultados, considero que posso concluir que tive alguma influência no sucesso destes alunos através da minha PP e acredito que com o tempo e com o acumular de experiência possa ser cada vez melhor professor. Acompanhar estes alunos com a ajuda do professor João Paulo foi muito gratificante. Com o decorrer do ano e com as ilações tiradas das aulas assistidas, aprimorei os meus processos pedagógicos.

TABELA 2 - AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DA PRÁTICA PROFISSIONAL DO CURSO BÁSICO DE MÚSICA

	Escola	Ano	Regime	1º P	2º P	3º P
A	EB2,3/S Santos Simões	7º	Articulado	5	5	5
B	EB2,3/S Santos Simões	7º	Articulado	4	3	4
C	EB2,3 João de Meira	5º	Articulado	5	5	5
D	EB2,3 João de Meira	5º	Articulado	4	5	5
E	EB2,3/S Santos Simões	5º	Articulado	4	5	5
F	EB2,3/S Santos Simões	5º	Articulado	4	5	4
G	EB2,3/S Santos Simões	5º	Articulado	4	4	4

2.12 Identificação dos desafios da Prática Profissional e seus resultados

A PP lançou-me desafios inimagináveis: lidar com as aulas assistidas, elaborar as planificações de uma forma positiva, aplicar o PIP e realizar o concerto final. Estes desafios trouxeram-me melhorias a nível de prática docente e boas memórias de um projeto que foi tão proveitoso para os alunos como para mim.

Apesar da inicial dificuldade para entender e desenvolver uma planificação adequada às aulas de percussão, todo o processo para a alcançar, fez-me ter uma visão muito mais abrangente sobre o que é ensinar, fazer aprender e avaliar. Ganhar consciência do verdadeiro valor das planificações foi um dos resultados mais gratificantes que tive da Prática Pedagógica supervisionada.

Lidar com as dificuldades logísticas de apresentar e montar um projeto como aquele que resultou do meu projeto de intervenção, pois efetivamente revelou-se mais difícil do que o esperado inicialmente. Na minha perspetiva, quando eu comunicasse aos alunos este desafio e oportunidade, estes ficariam interessados, no mínimo pela novidade do projeto. Essa não foi exatamente a reação que eles tiveram. A maior parte dos alunos que se interessou pelo projeto foram os mais novos, o que tornou o projeto ainda mais difícil de concretizar, visto que alguns deles tinham dificuldades de leitura por só terem começado a aprendizagem da música nesse ano. No entanto nada se pode apontar ao empenho dos alunos que participaram no projeto deram todos o seu melhor.

Por último conseguir uma data para a realização do concerto final também se revelou uma tarefa quase impossível. A primeira data que eu sugeri, acabou por ter de ser alterada por indisponibilidade do auditório, dado o Conservatório de Guimarães fechar. Depois dessa data, tentei marcar o concerto no auditório do Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga, no entanto, também este estava ocupado. Só consegui fazer na sala do auditório da Casa do Professor, em Braga.

2.13 Breve descrição do Projeto de Intervenção Pedagógica

“Ensemble de Percussão – uma proposta de aprendizagem colaborativa no ensino artístico especializado do instrumento percussão” foi o tema do PIP que desenvolvi no Conservatório de Guimarães, que procura perceber o impacto que um projeto de Música colaborativo pode ter na aprendizagem e na vivência musical de alunos de Música, através da criação de um grupo de prática instrumental coletiva onde se aplicaram as pedagogias de Dalcroze, de Suzuki e Kodály.

O projeto foi implementado desde vinte e três de fevereiro de dois mil e dezassete até ao dia vinte e um de junho de dois mil e dezassete, tendo o concerto sido realizado no dia três de julho de dois mil e dezassete.

Foi um estudo empírico, constituído por dois grupos, um experimental e outro de controlo. O projeto contou com seis alunos a participar ativamente e sete alunos como grupo de controlo. Assim, o grupo experimental participou diretamente no projeto tendo uma hora semanal somada ao seu horário curricular normal e o grupo de controlo não sofreu qualquer adenda ao horário semanal da disciplina de instrumento.

Os alunos que participantes no grupo experimental tiveram uma sessão extra semanal durante a duração do projeto, onde trabalharam exercícios de vivência musical segundo a Pedagogia de Dalcroze, Suzuki e Kodály, um repertório de peças para vários instrumentos e de vários compositores, bem como ouviram e refletiram sobre o que ouviram.

Durante as sessões fui recolhendo informações sobre a evolução do grupo experimental, sob a forma de notas de campo, através da técnica de observação direta e participante, registadas num diário de bordo.

A recolha e produção dos dados foi complementada: i) pela visualização da gravação dos vídeos do ensaio geral e do concerto final; ii) usando a técnica documental foi feita a comparação das classificações dos três períodos dos alunos dos dois grupos; e iii) a aplicação de inquéritos por questionários aos alunos e aos encarregados de educação. Aos alunos para recolher dados sobre a motivação na participação neste projeto, e aos

encarregados de educação para conhecer, nestes últimos, se os hábitos de estudo e o interesse demonstrado em casa pelo instrumento dos seus educandos tinham sofrido algumas alterações.

O projeto acabou por se revelar um sucesso para os alunos, porque conseguiram manter ou melhorar as notas que tinham à disciplina de instrumento, as sessões foram muito proveitosas e levaram a momentos e recordações inesquecíveis, como podemos conferir no registo dos seus testemunhos no vídeo do dia do concerto. Para os encarregados de educação a sua avaliação também foi muito boa.

2.14 Auto e Coavaliação da minha prática docente

2.14.1 Autoavaliação

No início da minha PP tive muitas dificuldades em entender vários aspetos do que significa hoje ser um *profissional do ensino* (Roldão, 2019). Todas estas dificuldades levaram-me a ter de enfrentar problemas sérios, ao nível profissional, mas também pessoal.

Ao longo da minha curta carreira docente tento sempre ser o mais profissional possível, muitas vezes protelando projetos e objetivos pessoais para não desiludir os meus alunos, e as suas necessidades. Fiz tudo para cumprir todas as tarefas que a direção do Conservatório de Guimarães me incumbia, e todas as tarefas que fazem parte dos deveres de um professor.

Tendo sempre o meu orientador pedagógico acompanhante, tão prestável, o professor João Paulo tornou as minhas idas a Guimarães semanais muito mais produtivas. Sempre que eu tinha alguma dúvida quanto aos exercícios e atividades a realizar com um dos alunos, tinha sempre a experiência do professor João Paulo para me apoiar. Ajudando-me a alcançar a solução, tanto no processo como no produto.

Depois de ter as primeiras aulas assistidas, cujo resultado foi próximo do terrível, pus em causa toda a minha prática pedagógica anterior, levando-me a questionar as minhas conceções pedagógicas. No entanto, da reflexão que seguiu após esse meu falhanço, consegui entender o quanto a preparação das aulas, a sua organização, gestão e avaliação do desenvolvimento curricular, antes e durante as aulas, são tão importantes para a execução e desenvolvimento curricular efetiva e para a motivação dos alunos.

Ter conseguido pôr em funcionamento o ensemble de percussão foi algo que me deixou muito realizado. Os alunos participantes, demonstraram muito empenho durante todo o projeto, e apesar de serem novos e para muitos ser o primeiro contacto com a Música, superaram-se e prepararam um concerto digno e de grande valor musical.

A PP foi de muita importância para mim, depois de me pôr à prova, e a todo o meu reportório de técnicas pedagógicas, abriu-me os horizontes para explorar todo um

mundo de possibilidades, e de novas práticas mais conscientes e com a noção clara do que tem de ser o meu contributo para se conseguir atingir “O Novo Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” e da sua repercussão ao nível das decisões a adotar ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem do ensino especializado da música.

2.14.2 A Coavaliação da minha prática docente

Pelos Alunos

Enquanto professor o aluno tem de ser sempre o centro das minhas atenções, ler estas palavras de um aluno dão-me alento a continuar o meu caminho como professor.

Faço tudo o que posso, tanto para o motivar como para o ajudar, ver isso reconhecido por um aluno é tudo o que eu podia almejar. No entanto, tenho noção que a minha evolução foi potenciada pela frequência do mestrado em Educação da Católica, e vou continuar a procurar e a estudar para poder estar sempre à altura dos desafios que os alunos nos colocam. O seu parecer encontra-se no **Anexo IV**.

Pelos Encarregados de Educação

Partindo sempre do pressuposto de que o aluno é o centro do nosso trabalho enquanto docentes, e apesar da relação com os pais ser algo vital nesse sentido, nem sempre temos a perfeita noção da perceção que os pais têm do nosso trabalho.

É intrínseco da prática docente evoluir, assim como os alunos mudam, os professores têm de estar aptos a se adaptarem a essas mudanças. Eu, enquanto docente, tenho esta como uma premissa basilar na minha atividade, ver isso reconhecido por um encarregado de educação é sem dúvida algo gratificante.

Algo que também me deixa satisfeito é a menção ao meu conhecimento das características dos alunos. Novamente vai de encontro a uma das lições que retirei deste

mestrado, para se ensinar é preciso utilizar técnicas variadas e metodologias diferenciadas para cada aluno, sem conhecermos o aluno, nada disso é possível. O seu parecer encontra-se no **Anexo V**.

Pela Orientadora Científica

Fico feliz pelo esforço e a dedicação que eu tive para realizar as atividades da minha prática pedagógica sejam motivo de menção por parte da minha orientadora científica, a Doutora Luísa Orvalho. Graças a ela e à sua paciência consegui terminar esta fase da minha vida académica, mas na realidade não sinto que esteja a terminar nada, sinto que estou a começar uma nova etapa. Guardarei na memória todos os conselhos que me deu durante toda a minha prática pedagógica, e todas as soluções que me ajudou a encontrar. O seu parecer encontra-se no **Anexo II**.

Pelo Orientador Pedagógico Cooperante

Fico agradecido pelas palavras de reconhecimento do empenho que demonstrei, que me foram dirigidas pelo meu orientador pedagógico cooperante, o professor João Paulo.

Durante as aulas estive sempre presente e com vós ativa, caso fosse necessário. O seu estilo de aula mais próxima do aluno e onde tenta responder aos quereres e vontades dos alunos inspirou-me a ser melhor, a querer mais. Foram boas as reflexões feitas com o professor João Paulo, das quais muitas vezes surgiram ideias para novos exercícios e tarefas para os alunos evoluírem. O seu parecer encontra-se no **Anexo III**.

Pelo Colega de departamento

Trabalhar numa escola nova nem sempre é um processo simples, no entanto com colegas como os que eu encontrei no Conservatório, não podia ser mais fácil. Todos me receberam bem e me orientaram, em especial o professor Artur, que me dirigiu este agradável parecer, onde valoriza o meu envolvimento nas atividades desenvolvidas pelo Conservatório, bem como os meus contributos nas reuniões de Departamento. O seu parecer encontra-se no **Anexo IX**.

Pelo Colega de mestrado e de profissão

Durante o Mestrado conheci muitas pessoas e fiz amizades, mas uma que me marcou, foi a amizade criada com o Professor Carlos Ortiga. Fomo-nos apoiando durante todo o curso, realizamos a maioria dos trabalhos de grupo juntos, e muitas vezes fomos juntos para a Universidade. Trabalhamos juntos no Conservatório de Guimarães e no polo de Vieira e muitas vezes participamos juntos em projetos nestas instituições.

Tudo isto criou uma amizade forte e por isso mesmo, fico muito feliz por ter acedido ao pedido de deixar o seu parecer na minha tese. Ainda mais feliz fico com as palavras que reconhecem o meu trabalho e a minha dedicação que ele me dirigiu. O seu parecer encontra-se no **Anexo VIII**.

Conclusão

Terminando a redação deste relatório, sinto-me um professor muito diferente, valorizo muito mais o saber que é fruto da reflexão, seja individual, ou em grupo, refletir está na base do pensar, do prospetivar, do criar.

Não posso dizer que foi um processo sem problemas e percalços, mas, completar esta etapa valeu muito pelo processo, valeu muito pelo caminho percorrido, pelo esforço, pela resiliência.

Nas aulas assistidas, aprendi o quão errado, e desnorteado eu andava. A aula para mim era um mar tempestuoso, e eu via-me numa jangada, onde por vezes conseguia alcançar a bonança, mas outras perdia-me na tempestade, na confusão que eram as minhas ideias.

Controlar todo esse caos e torná-lo um rio claro e seguro, é sem dúvida o desafio que eu tenho para o meu futuro. Mas, com as indicações da Doutora Luísa Orvalho e do Professor João Paulo, tenho certeza de estar no caminho certo. Como nos diz Nóvoa (2011, p.1), "...a pedagogia é, por definição, a terceira margem. E, no conto de Guimarães Rosa, (...) o próprio rio. Bela metáfora da viagem, da descoberta."

Para Nóvoa três eram os argumentos para se rever a Pedagogia: o primeiro, era afastar o "pensamento dicotómico", isto é, procurar pontos em comum não escolher "nenhuma das margens", estes pensamentos empobrecem a razão. O segundo, é a pedagogia como a "terceira margem", isto é o leito do rio, a viagem, a pedagogia vale pelo seu processo. E por último "toda a viagem tem um destino", temos de ter "vistas largas", procurar o futuro, pois o importante é não ficar fechado no presente, procurar soluções tendo em vista o futuro (Nóvoa, 2011, p.1).

Sinto-me mais consciente do papel do professor no século XXI, mais organizado e acima de tudo, um professor mais reflexivo, capaz de questionar os seus processos e as suas metodologias para ser o mais eficaz possível.

Terminada esta etapa agradeço aos meus orientadores, à Doutora Luísa Orvalho e ao Professor João Paulo pelo caminho que me mostraram, a disponibilidade assegurada, e acima de tudo por me levarem a ser melhor Professor.

PARTE II – PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

1. Ensemble de Percussão:

uma proposta de aprendizagem colaborativa no ensino artístico

especializado do instrumento percussão

ENSEMBLE DE PERCUSSÃO: *uma proposta de aprendizagem colaborativa no ensino artístico especializado do instrumento percussão*

PERCUSSION ENSEMBLE: *a collaborative learning proposal in the specialized artistic teaching of the percussion instrument*

Miguel Soares Ferreira de Sousa Carneiro

Conservatório de Guimarães

miguel.carneiro@smguimaraes.pt

Resumo

O Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) intitulado “Ensemble de Percussão: uma proposta de aprendizagem colaborativa no ensino artístico especializado do instrumento percussão”, é um estudo empírico implementado no Conservatório de Guimarães, desde o dia vinte e três de fevereiro até ao dia vinte e um de junho de dois mil e dezasete.

O PIP consistiu na criação de um ensemble de percussão constituído por seis alunos, quatro alunos do 5º ano do Curso Básico de Música-2ºciclo, disciplina de instrumento/Percussão e de dois alunos do 7º ano do Curso Básico de Música-3ºciclo, dos 1º e 3º graus, do regime articulado respetivamente. Visou potenciar as aprendizagens de todos os participantes, levando-os a formar uma comunidade de aprendizagem coesa e reflexiva, capazes de trabalharem para alcançar os objetivos comuns, enquanto respeitavam a diversidade de ritmos, de ideias, valores e estilos de vida uns dos outros. As sessões foram semanais, com a duração de cinquenta minutos, em que o professor investigador recolheu e registou as informações, na forma de notas de campo, num diário de bordo, através de uma observação direta e participante.

Os participantes deste projeto foram treze alunos: seis alunos participaram diretamente em todas as sessões – o Grupo Experimental (GE) – e sete alunos que não participaram em nenhuma sessão colaborativa extra, de duração 50 minutos, servindo apenas de

ponto de comparação em relação aos do grupo experimental, constituíram – o Grupo de Controlo (GC).

Complementou-se a observação direta e participante, com a técnica documental, fazendo a comparação entre as classificações escolares obtidas pelos alunos dos dois grupos (experimental e de controlo) e aplicaram-se inquéritos por questionário aos alunos e encarregados de educação.

Os resultados obtidos evidenciaram que, a inclusão de uma aula de aprendizagem colaborativa adequada, tem efeitos positivos a nível motivacional e relacionamento interpessoal com impactos nas classificações escolares obtidas pelos alunos, e na satisfação dos encarregados de educação e dos alunos, expressa nos inquéritos.

Palavras-Chave: Ensemble de Percussão, aprendizagem colaborativa, pedagogia instrumental em grupo de Suzuki e Kodály, pedagogia musical de Dalcroze aplicado à percussão.

Key-Words: Percussion Ensemble, collaborative learning, instrumental group pedagogy, Dalcroze's method applied to the instrument.

Introdução

A segunda parte do meu relatório encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro, **Estado da Arte** apresento a revisão da literatura mais relevante sobre *Pedagogia Instrumental em grupo* de Kodály, Susuki, Pedagogia e didática musical de Jacques-Dalcroze, O método de Dalcroze aplicado ao ensino dos instrumentos musicais, e a Aprendizagem Cooperativa estruturada de Kagan. No segundo capítulo, sobre a **Metodologia de Investigação**, faço uma caracterização dos participantes envolvidos, apresento a calendarização das fases e procedimentos da intervenção, as estratégias de monitorização e avaliação final do projeto e a descrição das técnicas de recolha, tratamento, análise e interpretação da informação recolhida durante o projeto. No terceiro capítulo, **Apresentação e discussão dos resultados**, apresento os resultados dos dados recolhidos nos inquéritos por questionário, as classificações dos alunos nos três períodos e respetivas interpretações. Por fim, no quarto capítulo, **Conclusão**, partindo da questão orientadora de partida para esta investigação, respondo às questões de investigação e avalio o possível contributo da implementação desta estratégia de ensino para a aprendizagem da percussão.

1 Estado de Arte

Inspirado pelo espírito inclusivo de Bernstein com as suas sessões abertas ao público, os seus concertos didáticos onde demonstrava passagens orquestrais icónicas do repertório orquestral da época, e imbuído do espírito de trabalho colaborativo presente na própria orquestra, propus-me a criar as condições necessárias a esse tipo de trabalho colaborativo.

Na sua história, o ser humano, percebeu que necessitava de trabalhar em equipa para conseguir subsistir, e na Música, eu acredito que, essa é também uma solução para conseguirmos evoluir tanto tecnicamente como musicalmente. Aprender a respeitar os outros e a conviver com eles pode ser a chave para entender e transmitir ideias musicais.

Ao realizarem em conjunto exercícios técnicos variados, os alunos podem, através da reflexão sobre os exercícios e com as dificuldades únicas e distintivas de cada aluno, alcançar soluções que sozinhos nunca as alcançariam. Bittencourt e Domingues descrevem este processo de “sobrevivência” – “...no Brasil, diversos músicos, produtores e demais agentes do setor começaram a organizar-se em grupos denominados “coletivos culturais” de modo a construir novas formas de gestão cultural, com o intuito de fortalecer o ambiente musical das suas cidades.”(Bittencourt e Domingues, 2016, p.138)

Quando estudei Música no Conservatório de Braga, tive a oportunidade de tocar em conjunto, nomeadamente nas aulas de naipe, com o professor Hugo Vieira, e com o professor Vítor Matos, na Banda de Amares. Estes foram alguns dos motivos que me levaram a prosseguir os estudos na Música, e em muito se deveu a serem experiências positivas de partilha interpessoal de desafios e de méritos, mas acima de tudo de partilhas musicais e humanas muito importantes para mim.

Parti para este projeto quando me deparei com uma realidade de currículo onde este trabalho de conjunto é ainda pouco e inadequado. O pouco que estes alunos podem trabalhar em conjunto está concentrado nas aulas de coro, onde trabalham um instrumento totalmente diferente, com dificuldades e características distintas do instrumento no qual têm o apoio nas aulas individuais do seu professor. Muitos deles sentem-se inferiores aos seus colegas e isso resulta em evitar situações onde terão trabalho em grupo.

1.1 Pedagogia instrumental em grupo

Dorado (2016, p. 85) define a pedagogia instrumental em grupo como potenciadora de interações de índole variada, da seguinte forma “(...) pedagogia instrumental em grupo, como um conjunto de métodos que despoleta múltiplas interações verbais (faladas e cantadas) e não verbais (gestuais e instrumentais), instauradas e geridas pelo professor.”

Concordando inteiramente com a sua definição procurei basear a minha intervenção em pedagogos com abordagens não só distintas como, acima de tudo, complementares.

Kodály foi um dos pedagogos que, no início do século vinte se debruçou sobre a pedagogia grupal na área da Música, assim criando não um método de puras regras e normas a seguir, mas um conjunto de boas práticas que devem ajudar os professores a orientar o processo pedagógico centrando-se nos alunos e na sua aprendizagem.

Corroborando esta afirmação Katalin Forrai citando Kodály leva o um pouco mais longe, “No que ao método diz respeito, não há nenhum princípio orientador obrigatório que prenda as mãos do professor” (in Boletim 1983/2 da *International Kodály Society*: p.19)

Outro dos pedagogos que estudou a temática do ensino em grupo foi Suzuki. Este autor criou o que ele preferia de apelar como *filosofia ou método da língua mãe* que pretende envolver o aluno e os pais no processo de aprendizagem, criando exercícios que devem ser realizados pelo aluno e por quem o acompanha, aprendendo em simultâneo a realizar os exercícios e podendo assim acompanhar o seu educando durante o estudo e prestar o apoio necessário com algum conhecimento de causa. Suzuki defende que a chave para o desenvolvimento das capacidades dos alunos está em aproximar a experiência pedagógica dos alunos aos seus encarregados de educação. “A teoria de Suzuki assenta na educação musical através do ambiente proporcionado pelos pais da criança a partir do momento em que ela nasce.” (Trindade, 2010, p. 14)

Diana Dias relativamente ao trabalho de Suzuki “... Suzuki não desenvolveu apenas o Método da Língua Materna, mas também todo um sistema pedagógico, a que deu o nome de Educação do Talento, através do qual pretendia desenvolver todo o potencial das crianças” (Dias, 2014, p.58)

Suzuki defende que para desenvolver o potencial das crianças é necessário mais do que o trabalho dentro de aulas, a criança tem de estar inserida num ambiente favorável para o seu desenvolvimento, e para isso desenvolve um sistema com as indicações necessárias para criar esse meio potenciador das aprendizagens – sendo elas – Começar cedo; Envolver os pais; ouvir Música; aprender a tocar antes de ler; ambiente estimulante; aprendizagem por imitação; repertório homogenizado ; promover a

repetição e a memorização; crítica positiva; Aulas de Grupo e apresentações públicas (Dias, 2014).

Jaques Dalcroze, por seu lado, criou um método de exercícios que visavam desenvolver a rítmica através do movimento em grupos de pessoas com o mesmo nível musical. A este método Dalcroze atribui um nome que não poderia ser mais adequado – “*Eurithmy*”. “Nas actividades de Rythmique já não era objetivo responder a comandos mas sim fazer fluir o movimento do corpo com a música, sendo que cada momento cresce sucessivamente, de forma a afirmar a nossa individualidade.”(Grilo, 2015,p.48) Como Grilo descreve, o objetivo não se prendia com a realização correta dos exercícios mas sim na apreensão individualizada dos exercícios , potenciando o desenvolvimento musical dos participantes.

Para Findlay (1971,p. X)“*Since motor skill plays such a large part in musical performance and rhythmic sensitivity in musical interpretation, it is curious that rhythm and its correlated motor expression are so often neglected...*” Questionava Findlay o porquê da rítmica e do movimento serem parâmetros musicais tão menosprezados algo que, apesar de meio século ter passado, ainda é uma pergunta muito pertinente, e é de notar que Dalcroze já lhe atribuía tanta importância nessa altura, alias atribuía-lhe um valor que eu diria até, imprescindível e fundamental. Findlay descreve o método de Dalcroze como sendo um sistema de aprendizagem rítmica único no campo da pedagogia musical.

Segundo Capitão (2016, p. 67), “O método de Dalcroze teve a particularidade de associar a necessidade biológica que a criança tem de se movimentar (mexer o corpo, brincar, correr, saltar, dançar) com a aquisição e desenvolvimento da consciência das suas emoções e pensamentos, com a aprendizagem e compreensão dos elementos musicais”. Esta particularidade do método de Dalcroze salientada por Capitão é, sem dúvida, algo que me cativou particularmente, visto poder ser uma alternativa muito válida às pedagogias mais convencionais.

Na Percussão o desenvolvimento de conceitos e exercícios rítmicos é de extrema importância, dado que parte dos instrumentos que constitui a sua família organológica tem como principal parâmetro musical o ritmo.

Para Juntunen (2002), Jaques Dalcroze foi um pedagogo importante e o seu trabalho para o estudo da música foi marcante, no entanto, alinhando com o que Kodály defendia, Jaques Dalcroze acreditava que todo o saber que ele produziu deve ser visto como orientações para a prática docente, mas nada mais que isso, não devendo o professor prender-se aos exercícios que ele produziu.

“Jaques-Dalcroze has written several articles and books about his ideas of music education and has also documented some of his original exercises. However, he always emphasized that his materials only served as a reference for teachers who had personally experienced Dalcroze teaching and therefore could not be used as guidebooks for teaching”(Juntunen, 2002, p.2)

Afastando o foco das pedagogias que versam sobre a música para a pedagogia em geral que visa sobre o ensino em grupo e a relação professor-aluno: Deslauriers defende que, apesar de muitas vezes os alunos conseguirem desenvolver mais as suas capacidades através das pedagogias ativas, na sua generalidade eles não reconhecem esse resultado. Esta desvalorização, segundo Deslauriers, prende-se pelo facto dos alunos terem dificuldade em interagir com os seus colegas por timidez, ou deve-se a não verem o professor como o centro do processo ensino-aprendizagem, o professor deixa de ser o suprasumo da sabedoria quando são os próprios alunos que, através do trabalho em equipa, procuram a solução para os problemas propostos pelo professor, ou pelos seus pares. (Deslauriers, McCarty, Miller, Callaghan, e Kestin (2019), *Proceedings of the National Academy of Sciences*, p. 116)

“...a relação professor-aluno desenvolvida no espaço da sociedade do conhecimento precisa ser repensada e orientada para uma prática educativa democrática, de construção de conhecimento e não mais uma relação de autoritarismo entre docente e discente na qual o professor é o centro do processo de ensino.”(Nascimento, Pacífico, Couti , e Braum, in *Docência, Formação e Práticas Pedagógicas, Experiências e Pesquisas,ano,* p.198)

Partindo deste desafio de “democratizar” o processo pedagógico, isto é, o poder e a responsabilidade de ensinar para fazer aprender, passarem somente do educador para ser partilhado pelos educandos, tornando os em sujeitos ativos da sua própria aprendizagem, reservo o próximo capítulo para aprofundar um

pouco o trabalho de Kagan no seu livro “Cooperative Learning”, onde Kagan nos descreve a sua abordagem à aprendizagem cooperativa.

1.2 Aprendizagem Cooperativa estruturada

Na busca por informação relativa a trabalho pedagógico em grupo e, acima de tudo, trabalho colaborativo, encontrei no livro de Spencer Kagan “Cooperative Learning” um método extremamente válido, onde pude solidificar o meu projeto e os ideais do mesmo. No prefácio do seu livro Kagan explica que o seu conceito de aprendizagem cooperativa foi se desenvolvendo ao longo dos anos, passando da mera implementação de uma estrutura de aprendizagem, para a aplicação de várias estruturas de ensino simultâneas. Apelidou a sua descoberta de lições “multiestruturas” onde cada estrutura estava construída com base na estrutura anterior e conduzindo o estudante a aprender os objetivos que o professor determinou cuidadosamente. “... i became convinced that only by multi-structural lessons can all goals be realized most efficiently.”(Kagan,1999, p.XI)

1.2.1 Os conceitos-chave e princípios da aprendizagem cooperativa estruturada

Apesar de ser um método tão complexo quanto abrangente, Kagan baseou a aprendizagem cooperativa em seis conceitos simples:

1. Equipas – Para Kagan a capacidade de estabelecer uma maior variedade de tipos de relações cooperativas era a primeira “chave” para o sucesso de um professor de aprendizagem cooperativa;
2. Gestão cooperativa – Numa sala de aprendizagem cooperativa existem problemas de gestão totalmente distintos de uma de ensino tradicional. O espaço deve ser arranjado de forma a todos os alunos poderem dar o seu contributo;
3. Vontade de Cooperar – Criar ou fomentar a vontade de cooperar, é uma das mais importantes premissas da aprendizagem cooperativa, que se for esquecida pode

levar à alienação dos membros com mais dificuldade, desistência deles ou desinteresse dos alunos bem-sucedidos;

4. Habilidade de Cooperar – O adquirir de competências sociais tende a potencializar a capacidade de cooperar do aluno;
5. Princípios básicos – Kagan definiu quatro princípios básicos para a aprendizagem cooperativa: Interdependência positiva, autonomia, participação equilibrada e interação simultânea;
6. Estruturas – Cada estrutura trabalha componentes diferentes e de maneiras distintas, logo, conhecer as várias estruturas é muito importante.” (Kagan 1999, p.4:1 a 4:11)

Kagan, como orador experiente, tem recolhido ao longo das suas palestras várias perguntas que lhe são postas regularmente, dessas perguntas escolheu dez para colocar neste livro. Dada a sua pertinência colocá-las-ei, juntamente com uma síntese das respostas dada pelo próprio.

Pergunta 1. "Isn't it wrong to teach using cooperative learning methods when we must prepare students for a competitive world?"

Resposta: Kagan começa por estabelecer que o mundo não é tão competitivo assim, e que é difícil imaginar um trabalho que não necessite de alguma interação cooperativa. Continuando a sua resposta esclarecendo que não acredita que o ensino deva ser exclusivamente com métodos cooperativos, mas deve existir um equilíbrio saudável.

Pergunta 2. "Isn't the accelerated achievement of low-achieving students in cooperative learning bought at the expense of high-achieving students? Couldn't the high achievers learn more if they were not stuck tutoring?"

Resposta: Kagan, lembra que a tutoria a par da docência tem resultados pedagógicos tanto para o aprendiz como para o professor, assim, acredita que a tutoria é algo que pode oferecer aos alunos com bons resultados experiências pedagógicas que nunca teriam sem experienciá-la.

Pergunta 3. "If I allow students to discuss and argue among themselves, won't I be faced with difficult classroom management problems?"

Resposta: É da natureza dos alunos questionar, discutir, argumentar e partilhar, a chave para o sucesso da aprendizagem cooperativa está em canalizar essas características para um resultado pedagógico e social positivo.

Pergunta 4. "Isn't cooperative learning in conflict with back-to-basics and direct instruction?"

Resposta: Kagan esclarece que apesar de ser uma aprendizagem cooperativa não deixa de ter momentos onde se aplica a instrução direta ou outros tipos de métodos, e não é por ser cooperativa que o trabalho em sala de aula vai ser brando ou indisciplinado.

Pergunta 5. "Doesn't cooperative learning mean forcing students to work with others they don't like?"

Resposta: Kagan defende que o poder do espírito de equipa, e uma dinâmica de grupo positiva irá transformar um aluno relutante num aluno totalmente participativo

Pergunta 6. "I was involved once in a group project. The group decided on a topic I had to go along. Doesn't cooperative learning mean giving up individuality?"

Resposta: Kagan explica que muitas das técnicas de aprendizagem cooperativa estão estruturadas para respeitar os contributos de todos os participantes ou o objetivo do grupo não será conseguido.

Pergunta 7. "I was in a group once also. In my group a few members did all the work. Doesn't cooperative learning mean a free ride for some and extra work for others?"

Resposta: A aprendizagem cooperativa garante que cada estudante tem de contribuir para o grupo poder cumprir o seu objetivo.

Pergunta 8. "If I use cooperative learning can I still "get through" the curriculum? Doesn't it focus on process at the expense of content?"

Resposta: Kagan defende que o ensino cooperativo oferece métodos que trabalhem todos os objetivos educacionais mais eficaz do que os métodos tradicionais. Sendo que o ensino cooperativo é diferente em todas as salas onde é aplicado.

Pergunta 9. "How much class time should be devoted to cooperative learning?"

Resposta: Kagan aconselha o professor a ir adaptando o tempo que aplica ao ensino cooperativo consoante a sua turma. Sendo que para iniciar deve restringir o tempo e consoante se for habituando ir aumentando gradualmente o tempo.

Pergunta 10. "Should we use rewards – tokens, points, and certificates?"

Resposta: Para esta pergunta Kagan divide a sua resposta em duas partes: na primeira parte, explica os prós e os contras de fomentar o estudo através de recompensas, se por um lado pode ser algo para comunicar diretamente uma boa acção do aluno, por outro pode desvirtuar os objetivos da tarefa a ser realizada, suplantando a recompensa o próprio objeto de estudo. Para complementar a sua resposta Kagan, acaba por defender que a recompensa deve ser o mais intrínseca possível com o intuito de valorizar a evolução dos estudantes em detrimento de uma abordagem de recompensa pela recompensa, onde o aluno trabalha mais em função dessa motivação extrínseca e acaba por desvalorizar o verdadeiro valor pedagógico das tarefas a realizar. .”(Kagan, 1999, p.1:1 – 1:5)

Concordando com a necessidade de um ensino que complemente a aprendizagem individual com a cooperativa, encontrei no método de Dalcroze “gymnastique rithmique” a fonte de inspiração para levar além esse propósito, assim dedicarei a próxima secção a esse grande pedagogo Dalcroze.

1.3 Pedagogia Musical e Didática de Jaques Dalcroze

Durante uma das aulas decorrentes do primeiro ano do Mestrado em Ensino de Música da Universidade Católica, vi um vídeo que me deixou perplexo. Nesse vídeo via-grupos de pessoas de várias faixas etárias totalmente distintas realizavam exercícios ao som de

Música. Todos pareciam descomplexados e, acima de tudo, felizes de os realizar, este vídeo falava sobre a pedagogia de Dalcroze.

Para Dalcroze a educação não desenvolvia corretamente as capacidades inatas dos alunos, aliás, para ele o ensino estava a lidar com os problemas dos alunos de uma forma desadequada, se um aluno demonstrasse alguma irregularidade ao nível da perceção temporal para Dalcroze esta irregularidade musical devia ser corrigida através de exercícios que utilizem movimentos simples, como o andar para marcar os tempos nos vários tipos de compasso. Dalcroze, depois do exercício de marcar os tempos com os passos, procuraria aumentar a complexidade do exercício, fosse com movimentos com os braços ou mãos, ou até numa fase mais avançada a cantar, o movimento para Dalcroze (1906, p. VI) é a base da música.

1.3.1 Princípios Base da metodologia de Jaques Dalcroze

Segundo Dalcroze (1906, p VIII) o seu método baseia-se nos seguintes princípios:

- 1 – Todo o Ritmo é movimento;
- 2 – Todo o movimento é material;
- 3 – Todo o movimento depende de espaço e de tempo;
- 4 – O espaço e o tempo estão a interagir quando a matéria os atravessa com um ritmo eterno;
- 5 – Os movimentos das crianças são puramente físicos e inconscientes;
- 6 – É a experiência física que forma a consciência;
- 7 – A perfeição física clarifica a perceção intelectual;
- 8 – Regular os movimentos é desenvolver uma mentalidade rítmica;

Destes 8 princípios, Dalcroze tira 3 grandes conclusões:

- 1 Regularizar e aperfeiçoar os movimentos é desenvolver uma mentalidade rítmica;

2 Aperfeiçoar a força e a delicadeza dos músculos em conformidade com o tempo é desenvolver o senso rítmico musical;

3 Aperfeiçoar a força e a delicadeza dos músculos em conformidade com o espaço é desenvolver o ritmo plástico.

Para Dalcroze o aluno deve conhecer e estudar a teoria musical, mas deve antes demais, conhecer o seu corpo e vivenciar a Música através dele. Utilizar as funções básicas como mover e respirar para vivenciar a Música.

No caso da Percussão aplico vários exercícios baseados numa abordagem utilizando o movimento como elemento chave. Os passos para marcar o tempo, palmas a reagir à Música que está a ser ouvida, o movimento como indicador interpretativo numa Música (por exemplo no Rock trap) ou simplesmente movimentos que descrevam o que acabamos de ouvir – Dalcroze trabalha o movimento, o movimento gera ritmo, a Percussão é Ritmo, “Le don du rythme ne relève pas uniquement du raisonnement: il est d’essence physique.”(Dalcroze (1906) *Gymnastique Rythmique*, p XI).

2. Metodologia de Investigação

A metodologia de investigação de carácter essencialmente qualitativa ou naturalista foi a utilizada neste estudo, tendo em conta o objeto de investigação e as questões-problema, “caraterizam-se pela investigação de situações concretas existentes e identificáveis pelo investigador, sem intervenção, em termos de manipulação, física e deliberada, de quaisquer variáveis” (Afonso, 2014, p. 43). A abordagem estratégica foi uma aproximação ao estudo empírico, centrado no Conservatório de Guimarães, na medida em que é construída “uma situação experimental para tentar avaliar a eficácia relativa (...) de dois modos alternativos de trabalho pedagógico (...)” (Afonso, 2014, p.45).

A metodologia seguida procurou responder à seguinte questão orientadora de partida:

Que pedagogias musicais e estratégias de ensino e aprendizagem deverão ser utilizadas na Classe de Conjunto/percussão para melhorar o desempenho na disciplina de instrumento?

2.1 O problema da investigação, finalidade do estudo e questões-problema

No início da minha PP, em conversas informais com os alunos, no sentido de os conhecer um pouco melhor, apercebi-me que alguns deles não gostavam das aulas de coro. Perguntando o porquê muitos deles respondiam que não sabiam cantar, que não se sentiam à vontade, ou que não gostavam de estar no meio de um grupo tão grande.

Estas opiniões deixaram-me, inquieto e intrigado, visto o meu percurso académico na Música só ter existido por ter trabalhado em vários projetos coletivos de Música, principalmente nas aulas de naipe do Professor Hugo Vieira e ter integrado a Banda filarmónica de Amares dirigida pelo Professor Vítor Matos. Nestes projetos vivenciei a Música como nunca, criei amizades e desenvolvi capacidades técnicas ao vencer os desafios que os professores nos lançavam. Ouvir estas palavras da maioria dos alunos, deixava-me perplexo. Depois desta revelação, procurei entender a razão deles se sentirem desconfortáveis, acabei por chegar à conclusão de que estes alunos tinham uma experiência de trabalho coletivo apenas através da disciplina de Coro, o que para os alunos de Percussão significava utilizar um instrumento que eles não dominavam.

Decorrente da questão orientadora de partida enunciada anteriormente, procurei responder às seguintes questões-problema:

Questão 1: O ensino instrumental coletivo utilizando a percussão pode potenciar a aprendizagem dos alunos na disciplina de instrumento?

Questão 2: As pedagogias musicais de Dalcroze, Suzuki e Kodály aplicadas num ensemble de percussão podem facilitar a aprendizagem de conceitos musicais como o tempo e a dinâmica?

Questão 3: A associação de movimento aos exercícios de percussão corporal pode alterar a vivência que os alunos têm da Música, potenciando a sua exteriorização?

2.2 Design do estudo empírico

Iniciei esta intervenção por criar um grupo experimental de seis alunos e um grupo de controlo de sete alunos, num total de treze. Apesar de quase todos terem demonstrado interesse em participar no projeto, a principal condicionante para a seriação dos alunos foi do foro logístico. A conjugação entre a disponibilidade da sala munida dos instrumentos necessários à realização do projeto, do horário dos alunos e do meu foi o principal motivo para a seriação dos alunos. Assim, o grupo experimental participou diretamente no projeto tendo uma aula semanal extra de 50 minutos somada à carga horária normal da disciplina e o grupo de controlo não sofreu qualquer adenda ao horário. Durante estas aulas recolhi informações através da técnica de observação direta e organizando-as num diário de bordo como notas de campo.

Complementando as informações do diário de bordo, com a técnica documental. Foram comparadas as avaliações que os alunos dos dois grupos obtiveram antes, durante e depois do projeto e foram realizados inquéritos onde pude recolher dados sobre a motivação e a sua participação neste projeto. Ao verificar as classificações pude aferir se o projeto teve algum impacto na melhoria dos resultados escolares trimestrais dos alunos à disciplina de Percussão. No entanto, desta recolha retiro apenas tendências de evolução e não comparo diretamente entre eles, visto que, as aulas dessa disciplina dos alunos do grupo experimental foram dadas por mim, e que as aulas dos alunos do grupo de controlo não, o que consiste numa variável que eu não pude controlar.

Na fase inicial recolhi as classificações do primeiro período de todos os alunos. No início do segundo período recolhi os primeiros inquéritos e defini o grupo experimental.

Realizei dois inquéritos sendo um antes de realizar o projeto e o último após a audição onde apresentaram o resultado das aulas do projeto. O primeiro dirigido apenas aos alunos recolheu informação sobre os seus gostos musicais e sobre a sua forma predileta de estudar. Este questionário teve como objetivo preparar as sessões com o conteúdo o mais adequado possível.

Os últimos inquéritos tiveram como objetivo recolher a opinião dos encarregados de educação, e dos alunos, quanto ao projeto, à sua realização, e a visão do impacto do projeto tanto a nível de estudo como do seu empenho.

No final de todas as sessões realizamos sempre um momento de reflexão sobre a sessão onde todos os elementos se autoavaliaram e avaliaram a sessão que terminava. Destes inquéritos pude retirar alguns dados para ir moldando os conteúdos das sessões seguintes de modo a potenciar a qualidade das sessões.

2.2.1 Caracterização dos Participantes

No projeto participaram treze alunos, do quinto ano de escolaridade até ao nono ano de escolaridade do Curso Básico de Música do 2º e 3º ciclo em regime articulado, sendo quatro deles raparigas e os restantes nove rapazes. Estes alunos foram divididos em dois grupos, um grupo experimental que tiveram uma aula suplementar de 50 minutos semanal e foram sujeitos ao contacto com as várias pedagogias integrantes do projeto, e o grupo de controlo que não tiveram qualquer adenda ao seu horário, nem qualquer contacto com as pedagogias utilizadas no grupo experimental. Do grupo experimental faziam parte seis alunos quatro rapazes do quinto ano e um rapaz e uma rapariga do sétimo ano. No grupo de controlo eram: um rapaz do quinto; duas raparigas do sexto; um rapaz e uma rapariga do sétimo; um rapaz do oitavo e um rapaz do nono ano todos frequentavam o Curso Básico de Música no Conservatório de Guimarães.

2.2.2 Técnicas e instrumentos de recolha e produção de dados

Durante a realização deste PIP foram recolhidos e produzidos dados para posterior análise e interpretação, nomeadamente: i) notas de campo registadas num diário de bordo do professor, resultantes da observação direta e participante de todas as sessões do ensemble e do concerto; ii) aplicados inquéritos por questionário aos alunos do GE, no início do PIP e depois do concerto, e aos pais e encarregados de educação presentes no final do concerto. Recorreu-se à análise documental das pautas das classificações escolares dos alunos nos 3 períodos, e foi registado em vídeo gravação o dia do concerto.

2.2.3 Técnicas de Análise e interpretação de dados

A análise e a interpretação dos dados recolhidos foram realizadas, maioritariamente, através da análise de conteúdo de todos os registos e da análise estatística das respostas aos inquéritos.

2.2.4 Calendarização e Procedimentos

A Tabela 3, apresenta a calendarização das várias fases do projeto de intervenção pedagógica.

TABELA 3 - CALENDÁRIO DAS FASES DO PROJETO

Fases do projeto	Calendarização	Atividades	
Conceção	janeiro 2017	Redação do pré-projeto	
Implementação	Datas das Aulas	Tipologia de Sessão	Instrumentos e técnicas de recolha de dados
	8 fevereiro 2017	Sessão de esclarecimento	Inquérito aos participantes do projeto
	15 fevereiro 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo, por observação direta
	22 fevereiro 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo, por observação direta
	1 março 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo, por observação direta
	8 março 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em

			diário de bordo, por observação direta
Avaliação Inter-média	9 de março 2017	Monitorização intermédia para aferir pontos fortes e aspetos a melhorar nas sessões seguintes	análise de conteúdo de todas as informações recolhidas até esta fase
Implementação	15 março 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo, por observação direta
	22 março 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo, por observação direta
	29 março 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo, por observação direta
	29 março 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo, por observação direta
	5 abril 2017	Aulas de Conjunto	Notas de campo registadas em diário de bordo,

			por observação direta
Monitorização	6 abril 2017	Monitorização	análise de conteúdo das informações obtidas até esta fase
Avaliação Final	Dia 3 de julho		
Aplicação dos inquéritos	8 fevereiro 2017	Alunos	
	3 de julho 2017	Encarregados de educação, Alunos, Prof	
Concerto Final	3 de julho 2017		Observação direta, Inquérito, videogravação
Redação do relatório	De 11 de julho de 2017 a 17 de janeiro de 2020		

Apesar de ter calendarizado inicialmente o projeto para terminar as sessões práticas no dia 5 de abril, senti a necessidade de prolongar o projeto, para desenvolver um pouco mais o trabalho até então realizado. Por acordo e vontade de todas as partes envolvidas o projeto foi prolongado até ao dia vinte e um de junho. Quando planeei o projeto, tinha pensado em realizar as sessões às quartas-feiras, mas quando verifiquei as compatibilidades horárias entre os alunos interessados e as da escola alterei o projeto para quinta-feira.

No início do projeto planeei as aulas de conjunto com antecedência tendo em vista os desempenhos em cada um dos exercícios de sessão para sessão, mas, privilegiei os exercícios que durante a reflexão os alunos iam mostrando maior interesse em realizar. Assim, com a extensão e a alteração do dia semanal das sessões, o calendário passou a ser aquele que se mostra na Tabela 4.

TABELA 4 - CALENDÁRIO DAS AULAS DE CONJUNTO AO GRUPO EXPERIMENTAL

Sessões	GE3	GE6	GE4	GE5	GE1	GE2
23/02	P	P	P	P	P	P
02/03	P	P	P	P	P	P
09/03	P	P	P	F	P	P
16/03	F	P	P	P	P	P
23/03	P	P	P	F	P	P
30/03	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada
20/04	P	P	P	P	P	P
27/04	P	P	P	P	P	P
04/05	P	P	P	P	P	P
11/05	P	P	P	F	P	P
18/05	P	P	P	P	P	P
25/05	P	P	P	P	P	P
01/06	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada	Cancelada
08/06	P	P	P	P	P	P
15/06	P	P	P	P	P	P
21/06	P	P	P	P	F	P

Nesta Tabela 4, para além dos dias em que decorreram as sessões, estão assinaladas as presenças dos alunos, onde se pode ver que nas primeiras cinco sessões se registaram mais faltas do que no resto do projeto. Infelizmente, e apesar de todas terem sido devidamente justificadas, este foi um dos motivos para alargar o projeto fazendo com que as duas sessões suplementares, inicialmente projetadas, com o empenho e a motivação que os alunos demonstraram, passaram a ser efetivamente sete.

Numa primeira fase do projeto, o mais importante foi criar espírito de grupo, visto serem seis alunos que quase nem se conheciam, sendo a exceção o dia da audição trimestral onde se ouviam, mas não dá para criar laços ou fortalecer relações interpessoais.

Depois de criado e reforçado o espírito de grupo, numa segunda fase, começamos a ler e a escolher peças para apresentarmos no concerto final do projeto.

Nas últimas sessões focamos o trabalho no concerto final, e nas peças escolhidas para serem interpretadas nesse concerto.

Nas Tabelas 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 apresento as planificações das sessões de ensemble e do concerto, assim como um resumo das notas de campo, para se poder ter uma ideia da dinâmica estabelecida em cada sessão.

TABELA 5 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 1

Sessão nº 1 23 de fevereiro de 2017	Sessão introdutória do projeto, com o objetivo de clarificar o objetivo do Projeto.	
Tarefa	Descrição	Duração
Apresentação	Breve explicação do projeto;	10-15min
Círculo de apresentação dinâmico ("Chama e segue")	Os intervenientes dispõem-se em círculo. Um deles enuncia o nome de um dos outros e de seguida dirige-se na direção de quem chamou. O enunciado repete o processo enunciando um outro interveniente.	10-20min
"Farol Rítmico"	Os intervenientes dispõem-se em círculo e começam a movimentar-se no sentido dos ponteiros do relógio. No Centro um deles realizará curtas frases rítmicas que será repetida por quem o estiver a ver, mantendo até o ver a fazer outro.	5-10min

Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min
----------	---	---------

Sessão nº1 – Registo das notas de campo

Nesta sessão os alunos mostraram-se muito motivados para participar no projeto e gostaram dos exercícios propostos, no entanto durante a explicação participaram desorganizadamente o que levou a atrasar essa parte da aula. Durante a reflexão apercebi-me que estes alunos quase não se conhecem, tendo as audições como único momento comum, onde todos se encontram.

TABELA 6 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 2

Sessão nº 2 2 de março	Nesta sessão começamos a estabelecer laços de amizade e de cooperação entre os intervenientes.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de apresentação dinâmico ("Chama e segue")	Os intervenientes dispõem-se em círculo. Um deles enuncia o nome de um dos outros e de seguida dirige-se na direção de quem chamou. O enunciado repete o processo enunciando um outro interveniente.	5-10min
Teste à audição e afinação ("Telefone estragado Musical")	O instrutor canta uma linha melódica aos ouvidos de um dos intervenientes,	15-20min

	que terá de reproduzir o que ouviu ao ouvido de outro até chegar ao último, que reproduzirá o que ouviu para todos ouvirem.	
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	10-15min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº2 – Registo das notas de campo

Sendo esta sessão mais prática que informativa, os alunos estiveram melhor no que toca ao comportamento. De assinalar o desconhecimento total dos alunos em relação ao repertório de Percussão clássica, sendo assim, irei insistir em dar a conhecer o repertório.

TABELA 7 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 3

Sessão nº 3 9 de março	Nesta sessão continuamos a estabelecer laços de amizade e de cooperação entre os intervenientes.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de apresentação dinâmico ("Chama e segue")	Os intervenientes dispõem-se em círculo. Um deles enuncia o nome de um dos outros e de seguida dirige-se na direção de quem chamou.	5 min

	O enunciado repete o processo enunciando um outro interveniente.	
“Lançar Palmas”	Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate palmas uma vez na direção do colega que aí estiver.	10-15 min
Teste à audição e afinação (“Telefone estragado Musical”)	O instrutor canta uma linha melódica aos ouvidos de um dos intervenientes, que terá de reproduzir o que ouviu ao ouvido de outro até chegar ao último, que reproduzirá o que ouviu para todos ouvirem.	10-15 min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	10 min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10 min

Sessão nº3 – Registo das notas de campo

Nesta sessão os alunos estiveram bem, infelizmente não estiverem todos presentes, mas os que estiveram demonstraram-se motivados e participarem de uma forma muito mais organizada. Já não será necessário continuar a realizar o exercício de apresentação dinâmico dado que já todos se conhecem.

TABELA 8 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 4

Sessão nº 4 16 de março	Nesta sessão continuamos a estabelecer laços de amizade e de cooperação entre os intervenientes.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização ("Palma Sincronizada")	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	15min
"Lançar Palmas"	Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate	10min

	palmas uma vez na direção do colega que aí estiver.	
Teste à audição e afinação (“Telefone estragado Musical”)	O instrutor canta uma linha melódica aos ouvidos de um dos intervenientes, que terá de reproduzir o que ouviu ao ouvido de outro até chegar ao último, que reproduzirá o que ouviu para todos ouvirem.	10-15min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº4 – Registo das notas de campo

Voltamos a ter uma falta infelizmente. Nesta sessão introduzi as palmas sincronizadas, que após algumas tentativas os alunos foram capazes de executar sem problemas. É também de assinalar, o progresso visível no exercício de afinação, ainda se desconcentram um pouco durante o exercício, mas estão a conseguir criar linhas melódicas interessantes e manter a afinação mais precisa.

TABELA 9 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 5

Sessão nº 5 23 de março	Nesta sessão continuamos a estabelecer laços de amizade e de cooperação entre os intervenientes.	
Tarefa	Descrição	Duração

<p>Círculo de sincronização ("Palma Sincronizada")</p>	<p>Os intervenientes dispõem-se em círculo.</p> <p>O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.</p>	<p>10min</p>
<p>"Lançar Palmas"</p>	<p>Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate palmas uma vez na direção do colega que aí estiver.</p>	<p>5min</p>
<p>"Farol Rítmico"</p>	<p>Os intervenientes dispõem-se em círculo e começam a movimentar-se no sentido dos ponteiros do relógio.</p> <p>No Centro um deles realizará curtas frases rítmicas que será repetida por quem o estiver a ver, mantendo até o ver a fazer outro.</p>	<p>5-10min</p>
<p>Visualização e audição de vídeos</p>	<p>Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão</p>	<p>5min</p>

Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min
----------	---	---------

Sessão nº5 – Registo das notas de campo

Começo a ficar um pouco preocupado com as faltas que se tem constatado neste projeto, espero que não ponham em risco o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Nesta sessão os alunos estiveram um pouco irrequietos possivelmente devido a aproximar-se o fim do período.

TABELA 10 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 6

Sessão nº 6 20 de abril	Nesta sessão continuamos a estabelecer laços de amizade e de cooperação entre os intervenientes.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização ("Palma Sincronizada")	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	10min
"Lançar Palmas"	Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente	5min

	vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate palmas uma vez na direção do colega que aí estiver. O instrutor lança mais palmas criando maior complexidade na tarefa.	
“Farol Rítmico”	Os intervenientes dispõem-se em círculo e começam a movimentar-se no sentido dos ponteiros do relógio. No Centro um deles realizará curtas frases rítmicas que será repetida por quem o estiver a ver, mantendo até o ver a fazer outro.	5-10min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº6 – Registo das notas de campo

Findas as férias de volta ao trabalho, hoje estiveram todos na sessão. Começo a notar uma resistência dos mais velhos aos exercícios que implicam um pouco mais de exposição, mas os mais novos estão cada vez mais empenhados em fazer mais e melhor.

TABELA 11 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 7

Sessão nº 7 27 de abril	Nesta sessão continuamos a estabelecer laços de amizade e de cooperação entre os intervenientes.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização ("Palma Sincronizada")	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	5-10min
"Lançar Palmas"	Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate palmas uma vez na direção do colega que aí estiver. O instrutor lança mais palmas criando maior complexidade na tarefa.	5min
"Farol Rítmico"	Os intervenientes dispõem-se em círculo e começam a movimentar-se no sentido dos ponteiros do relógio. No Centro um deles realizará curtas frases rítmicas que será repetida por quem o estiver a ver, mantendo até o ver a fazer outro.	5-10min
Teste à audição e afinação ("Telefone estragado Musical")	O instrutor canta uma linha melódica aos ouvidos de um dos intervenientes, que terá de reproduzir o que ouviu ao ouvido de outro até chegar ao último, que reproduzirá o que ouviu para todos ouvirem.	10-15min

Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº7 – Registo das notas de campo

Voltaram a estar todos nesta sessão. Os alunos já conseguem executar os exercícios sem problema, começo a notar um aumento na preocupação dos mais velhos na ajuda aos mais novos, principalmente da parte do participante GE1.

TABELA 12 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 8

Sessão nº 8 4 de maio	Nesta sessão iremos refletir sobre as peças a trabalhar neste projeto.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização ("Palma Sincronizada")	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	5min
"Lançar Palmas"	Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate palmas uma vez na direção do colega que aí estiver. O instrutor lança mais palmas criando maior complexidade na tarefa.	5min

“Farol Rítmico”	Os intervenientes dispõem-se em círculo e começam a movimentar-se no sentido dos ponteiros do relógio. No Centro um deles realizará curtas frases rítmicas que será repetida por quem o estiver a ver, mantendo até o ver a fazer outro.	5min
Teste à audição e afinação (“Telefone estragado Musical”)	O instrutor canta uma linha melódica aos ouvidos de um dos intervenientes, que terá de reproduzir o que ouviu ao ouvido de outro até chegar ao último, que reproduzirá o que ouviu para todos ouvirem.	10min
Visualização e audição de vídeos e Reflexão sobre peças a trabalhar neste projeto.	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão, nesta sessão todos os intervenientes irão discutir as peças a trabalhar nas sessões próximas e a executar no concerto final.	20min

Sessão nº8 – Registo das notas de campo

Nesta sessão voltaram a estar todos o que foi ótimo, assim, pudemos escolher o repertório a executar no concerto com todos os intervenientes. Escolheu-se: -“Clapping Music”; “Rock Trap”; “El bo velo” e “Los Cinco Amigos”.

TABELA 13 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 9

Sessão nº 9 11 de maio	Nesta sessão começaremos a trabalhar a Peça “Clapping Music” de Steve Reich.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização (“Palma Sincronizada”)	Os intervenientes dispõem-se em círculo.	5-10min

	O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	
“Lançar Palmas”	Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate palmas uma vez na direção do colega que aí estiver. O instrutor lança mais palmas criando maior complexidade na tarefa.	5min
“Clapping Music”	Primeira abordagem à peça. Explicação sobre a composição e sobre o seu compositor – Steve Reich. Leitura das primeiras linhas da Peça.	20min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº 9 - Registo das notas de campo

Infelizmente nesta sessão tivemos uma falta, o que, como íamos começar a ver as peças para o concerto foi um pouco perturbador. A primeira peça que escolhemos para trabalhar foi o “Clapping Music” de Steve Reich. O primeiro impacto foi um pouco negativo, dado a notação ser um pouco alternativa, mas com alguma paciência e insistindo um pouco os alunos começaram a conseguir ler esta notação alternativa.

TABELA 14 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 10

Sessão nº 10 18 de maio	Nesta sessão começaremos a trabalhar a Peça “Rock Trap” de William Schinstine.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização (“Palma Sincronizada”)	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	5-10min
Teste à audição e afinação (“Telefone estragado Musical”)	O instrutor canta uma linha melódica aos ouvidos de um dos intervenientes, que terá de reproduzir o que ouviu ao ouvido de outro até chegar ao último, que reproduzirá o que ouviu para todos ouvirem.	5min
“Rock trap”	Primeira abordagem à peça. Explicação sobre a composição e sobre o seu compositor – William Schinstine. Leitura das primeiras linhas da Peça.	20min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº10 – Registo das notas de campo

Nesta sessão já conseguimos estar todos outra vez. Trabalhamos a peça “Rock trap” de William Schinstine, esta peça teve um impacto muito positivo, todos os alunos mostraram-se motivados e esforçaram-se para tocar o melhor possível. Nota-se uma diferença assinalável entre os alunos do 1º e do 3º grau, como seria de esperar.

TABELA 15 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 11

Sessão nº 11 25 de maio	Nesta sessão começaremos a trabalhar a Peça “El Bo Velo” de Nicolas Martinciow.	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização (“Palma Sincronizada”)	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	5-10min
“Lançar Palmas”	Os Intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor, vira-se para um dos intervenientes e bate palmas uma vez. O interveniente vira-se para o lado oposto de quem bateu as palmas na sua direção e bate palmas uma vez na direção do colega que aí estiver. O instrutor lança mais palmas criando maior complexidade na tarefa.	5min
“El bo velo”	Primeira abordagem à peça. Explicação sobre a composição e sobre o seu compositor – Nicolas Martynciow. Leitura das primeiras linhas da Peça.	20min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº11 – Registo das notas de campo

Nesta sessão em que estiveram todos os intervenientes, começamos a leitura da peça “El bo velo” de Nicolas Martinciov. Esta peça será executada pelos dois alunos do 3º grau, é uma peça um pouco mais complexa, mas os dois pediram para tocar e, por isso, eu acedi ao pedido. Nota-se alguma dificuldade da parte do participante GE2 para conseguir executar a sua parte, mas ele irá fazer tudo para conseguir tocar a peça.

TABELA 16 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 12

Sessão nº 12 8 de junho	Nesta sessão aprofundaremos o estudo da peça “El bo velo” e da peça “Clapping music”	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização (“Palma Sincronizada”)	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	5-10min
“Farol Rítmico”	Os intervenientes dispõem-se em círculo e começam a movimentar-se no sentido dos ponteiros do relógio. No Centro um deles realizará curtas frases rítmicas que será repetida por quem o estiver a ver, mantendo até o ver a fazer outro.	5-10min
“El bo velo”	Segunda abordagem à peça. aprofundamento das primeiras linhas da Peça e leitura das linhas seguintes.	15min

“Clapping Music”	Segunda abordagem à peça. aprofundamento das primeiras linhas da Peça e leitura das linhas seguintes.	15min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº12 – Registo das notas de campo

Nesta sessão voltaram a estar todos. Começamos a leitura da peça: “Los Cinco Amigos” do livro de peças para ensemble de Murray Houllif. Esta peça foi bem recebida pelo grupo, sendo que o nível de dificuldade é ótimo para os de 1º grau permitindo-lhes ler à primeira vista. Conseguimos ver a peça de início ao fim.

TABELA 17 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 13

Sessão nº 13 15 de junho	Nesta sessão aprofundaremos o estudo da peça “Rock Trap” e primeira abordagem à peça “Los cinco Amigos”	
Tarefa	Descrição	Duração
Círculo de sincronização (“Palma Sincronizada”)	Os intervenientes dispõem-se em círculo. O instrutor dispõe a mão virada para o centro e de uma forma teatral e exagerada bate uma palma. Sem nunca falar repete o processo, até todos os intervenientes sincronizarem as palmas com as suas.	5-10min
Teste à audição e afinação (“Telefone estragado Musical”)	O instrutor canta uma linha melódica aos ouvidos de um dos intervenientes, que terá de reproduzir o que ouviu ao ouvido de outro até chegar ao último, que reproduzirá o que ouviu para todos ouvirem.	5min

“Los Cinco Amigos”	Primeira abordagem à peça. Explicação sobre a composição e sobre o seu compositor – Murray Houllif. Leitura das primeiras linhas da Peça.	15min
“Rock Trap”	Segunda abordagem à peça. aprofundamento das primeiras linhas da Peça e leitura das linhas seguintes.	15min
Visualização e audição de vídeos	Visualização de excertos de peças do repertório clássico de Percussão	5min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº13 – Registo das notas de campo

Nesta sessão solidificamos a aprendizagem das peças “Los cinco amigos” e “Rock Trap”, insistindo no segundo por ter umas passagens ainda difíceis de executar.

TABELA 18 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO Nº 14

Sessão nº 14 21 de junho	Nesta sessão aprofundaremos o estudo das peças “Rock Trap”, “Los cinco Amigos”, “El bo velo” e “Clapping Music”.	
Tarefa	Descrição	Duração
Aquecimento	Breves exercícios de aquecimento	5mins
“Clapping Music”	Segunda abordagem à peça. aprofundamento das primeiras linhas da Peça e leitura das linhas seguintes.	10min
“El bo velo”	Leitura e aprimoramento das partes mais complexas da Peça.	10min

“Los Cinco Amigos”	Segunda abordagem à peça. aprofundamento das primeiras linhas da Peça e leitura das linhas seguintes.	10min
“Rock Trap”	Leitura e aprimoramento das partes mais complexas da Peça.	10min
Reflexão	Momento dedicado à partilha e reflexão sobre as atividades realizadas	5-10min

Sessão nº14 – Registo das notas de campo

Esta sessão funcionou como ensaio geral para o concerto. Infelizmente um dos alunos não pôde vir, mas eu substituí esse aluno neste ensaio. Os alunos parecem confiantes para o concerto. Sendo esta a última sessão tenho um sentimento dividido entre satisfação e nervosismo.

TABELA 19 CONCERTO

Concerto Dia 3 de junho	Dia da apresentação das peças escolhidas durante as aulas do projeto.	
Tarefa	Descrição	Duração
Aquecimento	Breves exercícios de aquecimento	7 min
Ensaio Geral	Revisão das peças a apresentar no concerto	20 min
Reflexão pré-concerto	Momento onde dirigi algumas palavras de encorajamento aos alunos e lhes agradei por aceitarem este desafio	5 min
Intervalo	Momento para desanuviar um pouco antes da apresentação	10 min
Performance	Apresentação das peças escolhidas durante as aulas do projeto	10 – 15 min

Reflexão final e entrega de inquéritos	Depois da entrega e recolha de inquéritos relativos à conclusão do projeto, realizamos uma reflexão com todos os presentes sobre todo o projeto.	15 min
--	--	--------

Concerto – Registo das notas de campo

O concerto correu bastante bem, infelizmente com uma falta por doença, mas que eu substituí. Os alunos estavam bastante nervosos, antes e durante a apresentação, mesmo fazendo alguns exercícios de relaxamento, e o intervalo eles mostraram muitos sinais de nervosismo durante a performance. No entanto, mesmo com os nervos à flor da pele, estiveram muito concentrados e tocaram bem, os movimentos foram menos fluídos e mais mecânicos, mas penso que se deveu ao nervosismo.

No dia do concerto infelizmente um dos alunos teve uma otite o que o impediu de participar. Os restantes alunos chegaram às dezoito horas e trinta minutos, e fizeram o ensaio geral. O concerto correu muito bem a nível musical, os alunos estiveram muito atentos e ativos nas tarefas a cumprir.

Infelizmente, apesar dos convites vários convites enviados, o concerto teve muito pouco público. O que por um lado é um fator negativo, por outro pode também ter diminuído o nível de nervosismo que estes alunos podiam sentir dada ainda serem novos e terem pouca experiência.

No final da performance, foram recolhidos inquéritos, dados aos encarregados de educação presentes e aos alunos participantes.

Recolha e análise da informação empírica

Depois de realizar o projeto, organizei os dados recolhidos em tabelas para ser possível um tratamento e leitura dos resultados, através de gráficos. Os dados serão apresentados com siglas para salvaguardar o direito à confidencialidade dos intervenientes.

Os elementos do Grupo Experimental serão representados pela sigla GE mais o número correspondente de um a seis, os elementos do Grupo de Controlo serão representados pela sigla GC mais o número correspondente de um a sete.

3. Apresentação e discussão dos resultados

O Projeto tinha a intenção de potenciar as aprendizagens dos alunos através do trabalho colaborativo, e assim, melhorar os resultados à disciplina de Percussão. Mas, acima de tudo, criar um momento semanal onde poderiam trabalhar de uma forma colaborativa adequada.

No grupo experimental (GE1 a GE6), como podemos observar na Figura 1, as classificações à disciplina de Percussão foram consolidadas ou melhoradas, ao longo do projeto sendo que todos terminaram o ano com nível quatro ou cinco.

No grupo de controlo (GC1 a GC7), que não participaram em nenhuma das sessões, os níveis são mais heterogéneos apesar dos níveis no final do ano não registarem qualquer negativa, a maioria acaba por estabilizar no nível três ou no nível quatro. Não se verifica nenhum nível cinco neste grupo.

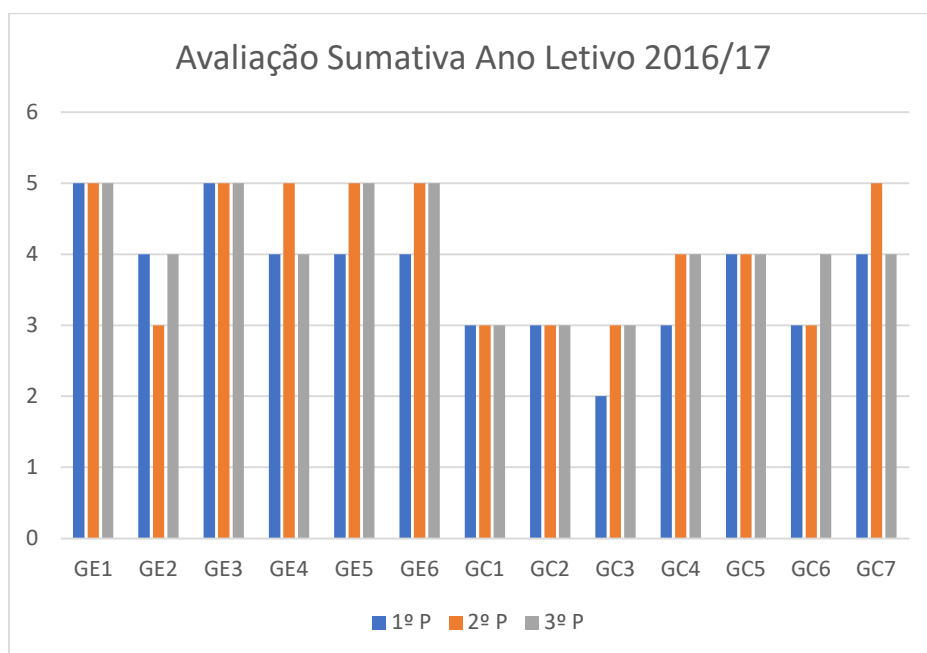


FIGURA 1 AVALIAÇÃO SUMATIVA

Através da análise do gráfico da Figura 1, avaliações dos alunos do projeto, podemos retirar que o projeto foi bem-sucedido no que conta às classificações escolares, sendo clara a diferença entre o Grupo Experimental e o Grupo de Controlo.

No início e no fim do projeto foi lançado um inquérito aos alunos onde se procurava definir o tipo de estudo que gostavam mais de realizar se gostavam de estudar com movimento ou preferiam estudar parados, se preferiam ter um limite de tempo para preparar as peças, ou se preferiam ter eles controlo sobre o tempo que demoravam a prepara-las e por último se gostavam mais de tocar em grupo ou sozinhos.

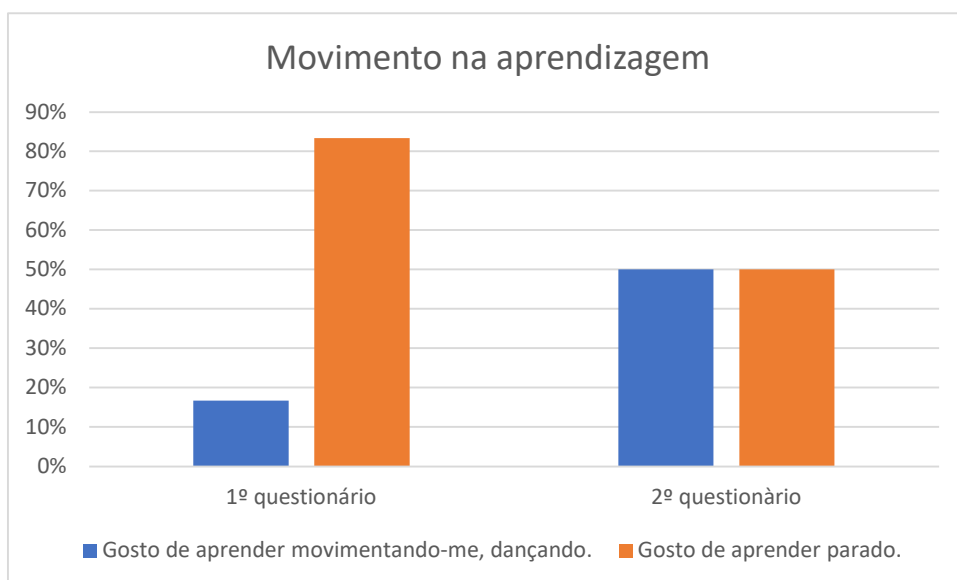


FIGURA 2 MOVIMENTO NA APRENDIZAGEM

No gráfico da Figura 2 podemos verificar que os exercícios aplicados durante o projeto tiveram um impacto positivo e de mudança em alguns dos participantes, passando de gostar de aprender parados, sem qualquer movimento, para gostar de aprender com movimento associado.

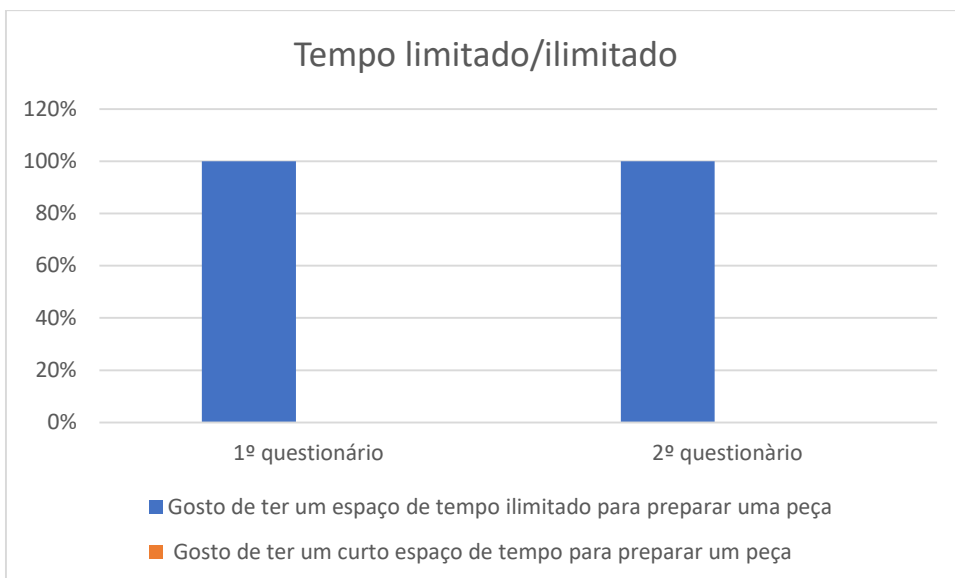


FIGURA 3 TEMPO LIMITADO/TEMPO ILIMITADO

O gráfico da Figura 3 mostra que alunos foram muito claros em decidir-se pelo tempo ilimitado para as tarefas.

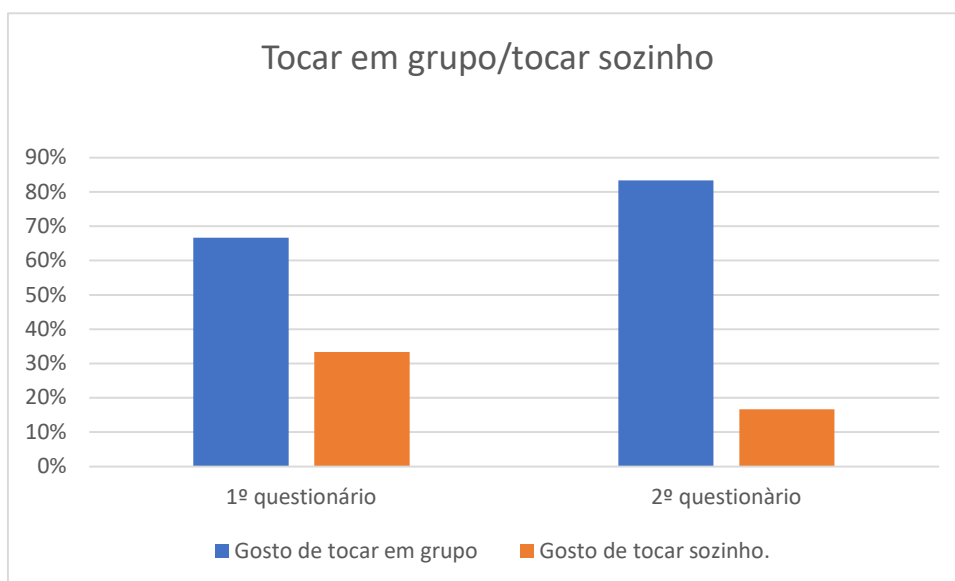


FIGURA 4 TOCAR EM GRUPO/ TOCAR SOZINHO

No gráfico da Figura 4 podemos observar que os alunos continuam a gostar de tocar em grupo, verificando-se que o resultado evoluiu positivamente do primeiro para o segundo questionário, levando-me a afirmar que o trabalho foi realizado da melhor maneira.

Em relação à assiduidade dos alunos, como se pode ler da Tabela 4, da página 57, se o aluno esteve presente tem a cor verde e no caso de ter faltado tem a vermelha.

Os alunos ao longo do projeto foram sempre muito pontuais, sendo que as faltas que foram dando, foram todas justificadas. Infelizmente no início do projeto alguns dos participantes faltaram, o que perturbou um pouco a criação de um espírito de equipa. Algo que foi melhorando com o decorrer do projeto.

Quando algum deles tinha uma dificuldade no início ninguém tinha qualquer cuidado, tocavam uns por cima dos outros muitas vezes sem ligarem ao próprio exercício. Consoante fomos trabalhando mais e criando laços de amizade e respeito, os alunos passaram a ter mais respeito pelo próximo, muitas vezes, parando o exercício para esperar um ou outro distraído a voltar ao exercício.

O projeto culminou numa apresentação pública realizada no auditório da Casa do Professor, em Braga. Nesse dia distribuiu-se um inquérito por questionário aos pais e encarregados de educação e aos alunos presentes no sentido de verificar o impacto que o PIP teve nos hábitos de estudo dos alunos, no empenho que demonstram, no ambiente e tipo de aprendizagem que preferem. De destacar que foram unânimes a declararem-se satisfeitos com o projeto e com o concerto final do mesmo, o que me deixou muito feliz e orgulhoso do trabalho realizado. No entanto, no gráfico da Figura 5 verifica-se que nem todos os participantes tiveram uma mudança nos hábitos de estudo.

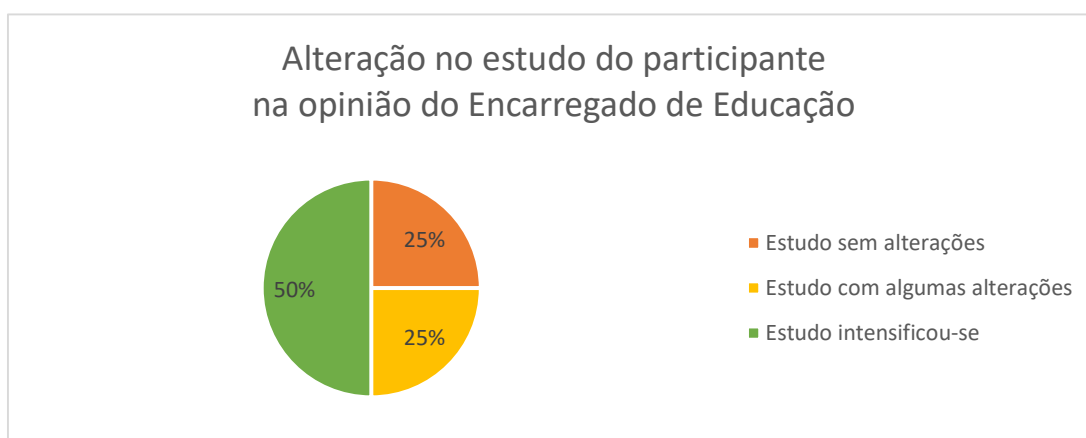


FIGURA 5 ALTERAÇÃO NO ESTUDO

Nos gráficos das figuras 6, 7, 8, 9, 10 podemos verificar a evolução que os alunos integrantes no GE tiveram na execução dos exercícios criados para este PIP, retiradas das notas de campo, do diário de bordo do professor.

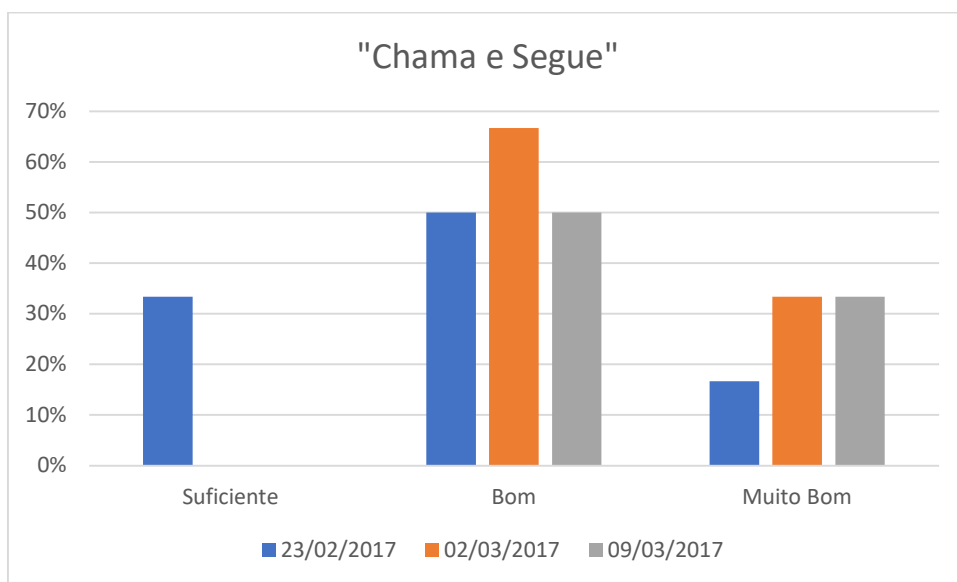


FIGURA 6 "CHAMA E SEGUE"

No gráfico da Figura 6 podemos verificar que da primeira para a segunda e terceira sessões deixa de haver suficientes registrados, passando apenas para Bons e Muito Bons. Neste exercício os alunos não tiveram muitas dificuldades, sendo o maior obstáculo o ser uma novidade, do que algum tipo de dificuldade técnica ou musical.

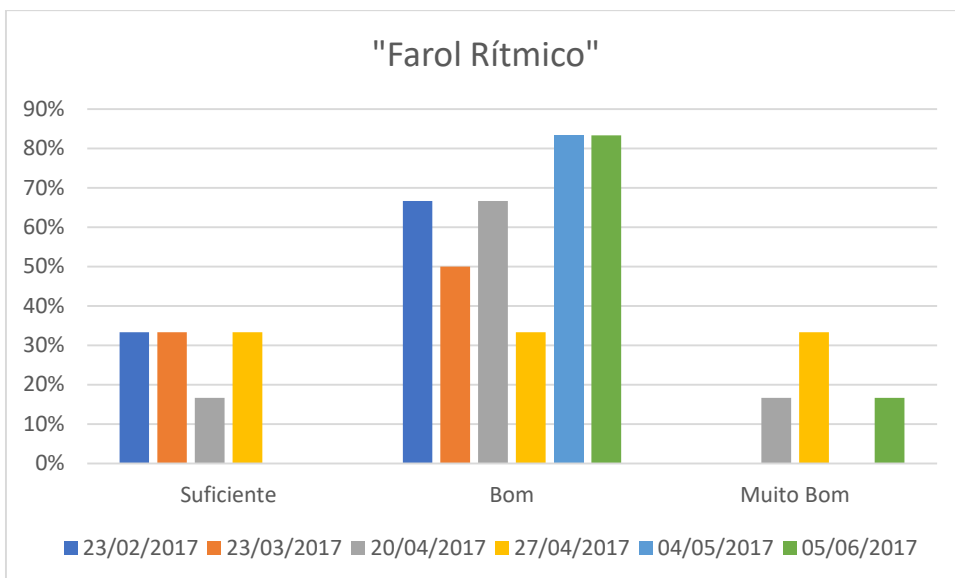


FIGURA 7 "FAROL RÍTMICO"

No gráfico da Figura 7, podemos observar que nas primeiras sessões os alunos não obtiveram nenhum Muito Bom, mas com o passar das sessões foram melhorando, e nas últimas sessões, não se registaram desempenhos Suficientes. Este exercício teve como objetivos trabalhar os conceitos musicais do tempo, da dinâmica e a coordenação rítmico-motora e a criatividade.

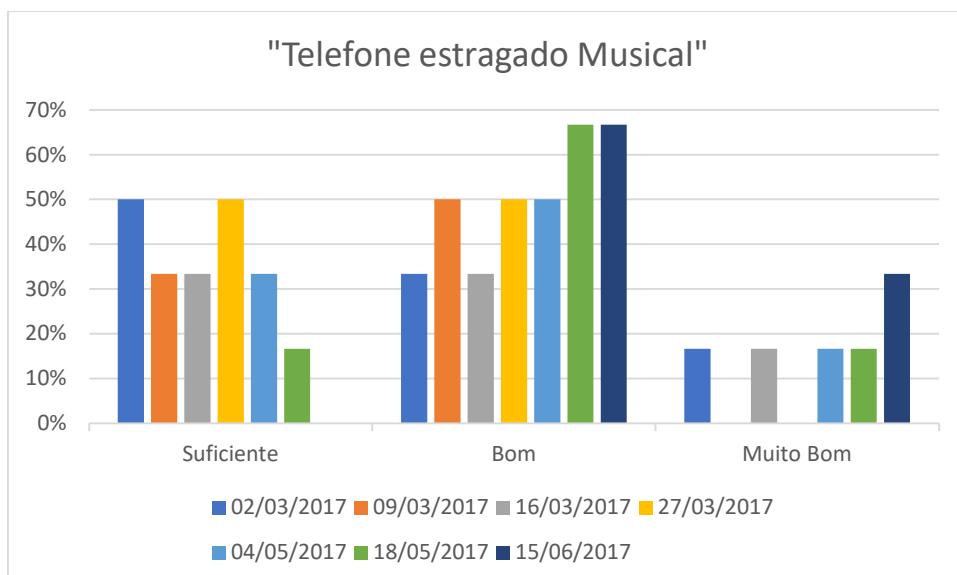


FIGURA 8 "TELEFONE ESTRAGADO MUSICAL"

No gráfico da Figura 8 podemos verificar um maior número de desempenho Suficiente neste exercício, sendo que só na última sessão não há nenhum Suficiente. Este exercício

teve o objetivo de trabalhar as capacidades de audição interior, afinação e a memória. Foi um dos mais difíceis de pôr em prática tendo sido necessário desvincular o exercício do jogo do telefone estragado tradicional porque alguns dos alunos resistiram a levá-lo com seriedade.

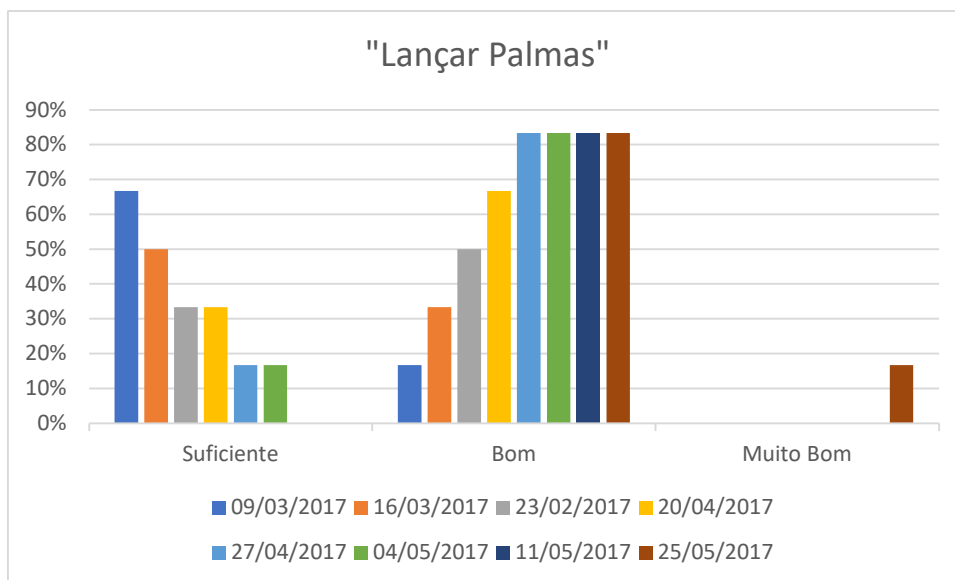


FIGURA 9 "LANÇAR PALMAS"

No gráfico da Figura 9 podemos verificar que o nível nas primeiras sessões deste exercício era maioritariamente de Suficiente, e que com a repetição deste exercício os alunos conseguiram atingir o nível Bom na sua maioria. Neste exercício trabalhou-se o conceito musical de tempo e a reação a estímulos.

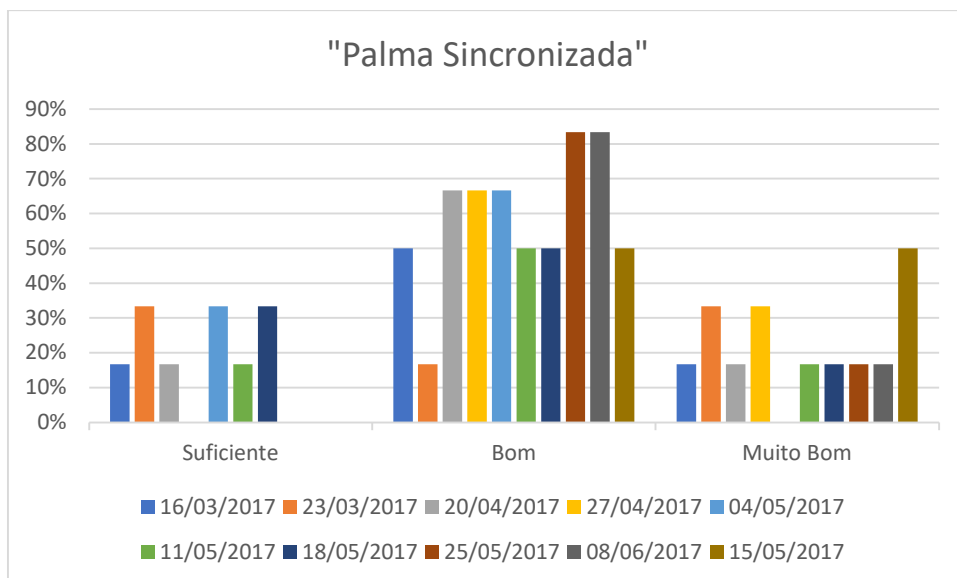


FIGURA 10 "PALMA SINCRONIZADA"

No gráfico da Figura 10 temos uma maioria de Bons ao longo das sessões. Neste exercício trabalhou-se os conceitos musicais de tempo, dinâmica e da respiração, e os alunos mostraram-se sempre bastante recetivos, aceitando os desafios propostos.

4. Conclusão

Tendo este PIP o objetivo de criar um ambiente de trabalho colaborativo favorável à aprendizagem, considero que os resultados obtidos foram muito positivos.

Apesar de ter uma extensão ao período inicialmente pensado para a sua realização, o projeto decorreu sem problemas de maior. Propiciou aos participantes a possibilidade de conhecer tipos de trabalho diferentes e alternativos ao trabalhado em aula, como a percussão corporal, ou os exercícios de movimento.

Os momentos de audição de peças também foram muito importantes e enriquecedores, pois os alunos demonstraram falta de conhecimento quanto ao repertório do instrumento e aos intérpretes famosos que nele brilham. Com o exercício de audição esse problema foi pelo menos combatido, e considero que de futuro terão a motivação para procurar novas peças para ouvir e compositores para conhecer.

Todos estes exercícios são valências adquiridas pelos alunos, sendo linguagens outrora totalmente desconhecidas, agora fazem parte do seu léxico.

É importante referir que mesmo os alunos que não participaram no projeto, mostraram interesse em participar num novo projeto a realizar no ano seguinte.

Todos os intervenientes ficaram satisfeitos com o projeto, e acima de tudo, com o concerto no final. Algo que ficou do projeto foi a motivação e o interesse pois passaram a ser frequentadores assíduos das masterclasses e workshops que ocorrem em Guimarães.

Relativamente às questões-problema, passarei a dar as respostas que resultaram da interpretação dos resultados obtidos neste PIP, sabendo que sendo este, um estudo de caso empírico, e o número de participantes do grupo experimental ser muito pequeno não se pode generalizar.

Questão 1: O ensino instrumental coletivo utilizando a percussão pode potenciar a aprendizagem dos alunos na disciplina de instrumento?

Consultando o gráfico da Figura 1, verifica-se que as classificações escolares obtidas pelos alunos do GE apresentam uma evolução positiva, compreendidas entre os níveis de desempenho 4 e 5, enquanto os alunos do GC apresentam níveis que se compreendem entre os níveis 3 e 4. Estas evidências, trianguladas com a resposta obtida na Figura 5, apontam para que o PIP aplicado nestes alunos ter tido um efeito positivo na sua evolução.

Questão 2: As pedagogias de Dalcroze, Suzuki e Kodály aplicadas num ensemble de percussão podem facilitar a aprendizagem de conceitos musicais como o tempo e a dinâmica?

Como podemos verificar nos gráficos das Figuras 6 a 10, os alunos foram melhorando gradualmente na realização dos exercícios do PIP, pelo que estas pedagogias podem realmente ser uma boa alternativa às pedagogias mais expositivas, dado o desenvolvimento que pude verificar em todos os alunos do grupo experimental.

Questão 3: A associação de movimento aos exercícios de percussão corporal pode alterar a vivência que os alunos têm da Música, potenciando a sua exteriorização?

No gráfico da Figura 2 pode-se verificar que houve um aumento de respostas a favor do movimento durante o estudo individual, passando de perto de 20% para 50%. Apesar de no dia do concerto, os alunos terem revelado uma grande dificuldade em se expressarem através dos movimentos, considero que, numa situação livre de stress, os alunos consigam expressar-se mais naturalmente.

Como condicionantes desta investigação as principais dificuldades em criar um projeto coletivo de raiz desta natureza que encontrei foram:

- este foi o primeiro projeto de grupo que eu liderei sendo, ainda por cima, criado por mim. Todo o processo logístico foi uma experiência nova para mim. Embora tenha visto os documentos da aplicação deste tipo de projetos, e ter feito parte de alguns similares, não estava à espera de algumas das dificuldades com que me deparei;

- a dificuldade em marcar uma hora compatível com o meu horário e dos alunos do Conservatório, que acabou por ser o fator determinante na seleção dos membros a integrar o grupo experimental;

- a pouca credibilidade que a maior parte dos alunos e pais e encarregados de educação conferiu ao projeto. No início do projeto, e depois de saber o dia em que o projeto podia ser aplicado, marquei uma reunião geral para todos os encarregados de educação e para todos os alunos de modo a esclarecer tudo o que se ia passar, e a oportunidade que eu estava a oferecer aos alunos. Infelizmente, no dia da reunião, a participação dos encarregados de educação foi quase nula, e os alunos que compareceram foram os que vieram a ser integrados no grupo experimental.

- a marcação do local do concerto final, algo que eu já tinha feito anteriormente, mas nunca a este nível, foi outra dificuldade, pois necessitava de uma sala um pouco maior. Inicialmente o concerto seria no auditório do Conservatório de Guimarães, mas devido a não estar disponível, tentei o auditório do Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga, que infelizmente também estava indisponível, pelo que acabei por só conseguir sala no Auditório da Casa do Professor, em Braga.

Como recomendações para futuros estudos que utilizem estas mesmas pedagogias, deve-se aumentar o número e os níveis de formação dos participantes, visto que neste projeto, o ensemble foi constituído apenas por alunos do 5º e do 7º grau do Curso Básico de Música.

Procurar uma vertente interdisciplinar, de projeto, poderá ser outra possibilidade para se poder tirar mais ilações sobre a possibilidade de aplicação transversal, destas pedagogias e metodologias, no currículo dos Cursos Artísticos Especializados da Música, tais como as disciplinas de Formação Musical e ou Classe de Conjunto-Coro do Curso de Música.

Por último gostaria de afirmar que, apesar das pedagogias ativas, como a de Dalcroze e Suzuki, estarem a ser cada vez mais alvo de investigação, e deste projeto ser um estudo empírico, cujas conclusões são apenas válidas para este caso, a criação do Ensemble de Percussão, trabalhando as pedagogias de Dalcroze e Suzuki veio evidenciar o contributo que um trabalho coletivo adequado pode ter no desenvolvimento das capacidades musicais, motivacionais e sociais dos alunos. A promoção de um trabalho colaborativo entre alunos promoveu a autonomia dos alunos e o fortalecimento dos laços de amizade, o que, proporcionou momentos de interajuda muito positivos.

Não tendo, este projeto, uma influência direta na Direção Pedagógica do Conservatório de Guimarães, considero que a inserção da nova disciplina de trabalho colaborativo da expressão musical no quinto e sexto anos no Conservatório de Guimarães possa trabalhar a música colaborativa e promover uma vivência musical muito mais completa. Se assim for, considero que este foi o melhor contributo deste projeto, na medida em que abriu caminho para um ensino musical muito mais abrangente e completo. Os resultados motivacionais e de estudo diário recolhidos nos inquéritos fortalecem o meu desejo de se proceder à inclusão de uma disciplina de ensino instrumental coletivo, utilizando o instrumento adequado, como complemento ao trabalho desenvolvido na aula individual de instrumento.

Durante todas as licenciaturas que frequentei no meu percurso académico anterior a este Mestrado, pouco aprendi no que toca à arte de ensinar para fazer aprender, desenvolvi capacidades técnicas e musicais, mas pouco desenvolvi no que toca à pedagogia reflexiva, consciente e crítica, e muito menos com as noções do que é importante para fazer aprender.

Todo o Mestrado em Ensino de Música me levou a pontos de reflexão que nunca tinha ponderado, suscitou-me a curiosidade para vários pedagogos, técnicas, métodos e estratégias inovadores de ensino, que refiro no estado da arte. Fez-me procurar, e entender qual é o papel do professor no processo de ensino, aprendizagem e avaliação.

O papel do professor facilitador de aprendizagens, é ainda mais importante quando se trata de aprender um instrumento musical, de dar as ferramentas para o aluno ir mais longe, sabendo colocar as dificuldades certas, para o aluno as conseguir ultrapassar. Observar o aluno e procurar adaptar as minhas práticas às suas vivências, aos seus gostos, aos seus conhecimentos, interesses, perfis de aprendizagem e inteligências é fundamental.

Parto agora definitivamente para o mundo da docência, para esse desafio maravilhoso que é ensinar para fazer aprender e que para o fazer muito devo a todos os professores deste Mestrado de Ensino de Música, da Escola das Artes, da Católica Porto.

Bibliografia e Referências bibliográficas

AFONSO, Ludovic. (2010). A implementação do Método Suzuki para violino em Portugal: Três Estudos de Caso. (Tese de Mestrado em Música para o Ensino Vocacional), Universidade de Aveiro, Aveiro.

AFONSO, N. (2014). Investigação Naturalista em Educação. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

ALARCÃO, I., TAVARES, J. (2ª Edição). (2013). Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem. Coimbra: Edições Almedina, SA.

BITTENCOURT, L. Domingues, D. (2016). Dinâmicas coletivas em cenas musicais: A experiência do grupo #acenavive no Rio de Janeiro. 109: [137-162] maio 2016.

CAPITÃO, A. (2016). A Aplicabilidade de Estratégias e Procedimentos do Método de Jaques-Dalcroze no ensino do clarinete: um estudo de caso. (Dissertação de Mestrado não publicada), UCP, Porto.

DESLAURIERS, MCCARTY, MILLER, CALLAGHAN e KESTIN. (2019). "Measuring actual learning versus feeling of learning in response to being actively engaged in the classroom". Disponível em <https://www.pnas.org/content/116/39/19251/> [Consultado em 12 de janeiro de 2020]

DIAS, D. R. (2014). Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada Uma Nova Abordagem no Ensino da Iniciação de Fagote: O Método Suzuki (Relatório de Estágio). Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco

d'OLIVEIRA MARTINS, G. et al. (2017). O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. ME: DGE. Disponível em https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf [Consultado em 14 de janeiro de 2020].

DORADO, K. C. "Practica de la pedagogia de grupo en conjuntos musicales y orquestas." Cuadernos de Musica, Artes Visuales y Artes Escenicas, vol. 11, no. 1, 2016, p. 83+. Gale OneFile: Informe Académico, [Consultado em 11 de janeiro de 2020].

ELPUS, K. & Carte, B. A. (2016). Bullying Victimization Among Music Ensemble and Theatre Students in the United States. National Association for Music Education, Vol.64(3), Reston: SAGE, p. 322-343.

FINDLAY, E. (1971). *Rhythm and Movement – Applications of Dalcroze Eurhythmics*. Van Nuys, Estados Unidos da América: Alfred Publishing Co. Inc.

FORRAI, K. et al. (1982). *The Task of pre-school Music Education According to the Kodály Concept*. in *International Kodály Conference Budapest*. Budapeste: Musica Budapest.

GRILO, A.S. (2015). *Dalcroze: A aplicação do método à iniciação do violino em conjunto*. (Dissertação de Mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro

GUEST, G., NAMEY, E., MITCHELL, M. (2013) *Collecting Qualitative Data - A Field Manual for Applied Research*. Califórnia, Estados Unidos da América: SAGE Publications, Inc.

HERSCHMANN, M. (2012). *Comunicações territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. São Paulo: Anadarco.

JAIQUES-DALCROZE, E. (2000). *Rhythm, music and education*. UK: Dalcroze Society Inc.

JAIQUES-DALCROZE, E. (1906). *Gymnastique Rythmique*. Neuchatel, Suíça: Sandoz, Jobin & co.

JUNTUNEN, M. (2002). *Practical Applications of Dalcroze Eurhythmics*. in *Nordic Research in Music Education Yearbook Vol.6*, 75-92.

KAGAN, S. (1999). *Cooperative Learning*. San Clemente, CA: Resources for teachers, Inc.

Nascimento, Pacífico, Couti & Braum,(2019). *Uso de narrativas na formação inicial de professores: um olhar sobre a relação professor-aluno na construção do conhecimento*. In *Docência, Formação e Práticas Pedagógicas, Experiências e Pesquisas*. Jundiaí: Paco Editorial

NÓVOA, A. (2011). *Pedagogia A Terceira Margem do Rio*. Disponível em: <http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/CurrSecXXI/CurrSecXXI6.pdf>
[Consultado em 12 de janeiro de 2020]

ORVALHO, L. (2019). *Autonomia e flexibilidade na organização e gestão curricular dos cursos profissionais. Taxonomia de Bloom revista e atualizada como instrumento de apoio à tomada de decisões*. In. Orvalho, L., Alves, J. & Azevedo, J. (Coordenação). (2019). *30 anos de Ensino Profissional: perscrutar as intencionalidades e perspetivar o futuro (26-35)*. Porto. Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Disponível em:

http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/E_book_2019_30_anos_EP_VF.pdf?fbclid=IwAR37op-

U7KO_s_ZB06KFvKq9LFDy6wHty_XKGe23e2pvkG75PY0NxftaPpg [Consultado em 14 de janeiro de 2020]

ORVALHO, L., MARTINS, I., PERALTA I. e ROLDÃO, M. C., (2018). CURRÍCULO DO ENSINO SECUNDÁRIO - CURSOS PROFISSIONAIS E CURSOS ARTÍSTICOS ESPECIALIZADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS ESSENCIAIS BASEADAS NO PERFIL DOS ALUNOS. Documento Autonomia e Flexibilidade Curricular. Lisboa: ME, ANQEP.

Disponível em Currículo do Ensino Secundário - Cursos Profissionais e Cursos Artísticos Especializados (2018). Disponível em <http://www.anqep.gov.pt/default.aspx> Maria do Céu Roldão, Helena Peralta, Isabel P. Martins, Luísa Orvalho [Consultado em 14 de janeiro de 2020]

ORVALHO, L. (2014) Planificação do ensino por módulos com vista a um ensino para a competência. SAME, Católica Porto, Eixo valorização do Ensino Artístico e Profissional

ORVALHO, L. (2010). A estrutura modular nos cursos profissionais das escolas secundárias públicas: do modelo curricular às práticas. Dois estudos de caso. Dissertação de Doutoramento apresentada na FEP/UCP, em 2 de junho de 2011. Porto: UCP (pp. 45-52).

ORVALHO, L., ALONSO, L., AZEVEDO, J. (2009) Estrutura modular nos cursos profissionais das escolas secundárias públicas como trampolim para o sucesso: dos princípios de enquadramento curricular e pedagógico; às práticas na sala de aula e trabalho colaborativo. Seminário Nacional 1989-2009 20 anos de Ensino Profissional. Analisar o Passado e Olhar o Futuro. Porto: FEP, UCP.

ROLDÃO, M. (2009). Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor. Desenvolvimento Profissional dos Professores. V. Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

SILVA, H., & LOPES, J. (2015). Eu, professor, pergunto 1. Lisboa, Portugal: Edição Pactor.

SILVA, L. B. et al. (2013). A utilização da música nas atividades educativas em grupo na Saúde da Família. Revista Latino-Americana Enfermagem. 21(2):[09 telas] mar. abr. 2013

SILVER, H., STRONG, R., & PERINI, M. (2010). Inteligências múltiplas e estilos de aprendizagem. Porto, Portugal: Porto Editora.

TOMLINSON, C. (2008). Diferenciação pedagógica e diversidade – ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidade. Porto, Portugal: Porto Editora.

TRINDADE, A. (2010). A Iniciação em Violino e a Introdução do Método Suzuki em Portugal. (Tese de Mestrado em Música para o Ensino Vocacional). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Legislação

Portaria n.º 229-A/2018, de 14 de agosto. Procede à regulamentação dos cursos artísticos especializados de Dança, Música, de Canto e de Canto Gregoriano.

Despacho nº6478/2017, 26 de julho, Diário da República nº 143. II Série. Gabinete do Secretário de Estado de Educação.

Homologa o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Portaria nº225/2012 de 30 de julho. Diário da República nº 146 – 1ª Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Cria os Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano dos 2º e 3º Ciclos do Ensino e estabelece o regime relativo à organização, funcionamento, avaliação e certificação dos cursos, bem como o regime de organização das iniciações em Dança e em Música no 1ºCiclo do Ensino Básico.

Portaria nº223-A/2018 de 3 de agosto. Diário da República nº149 – 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Procede à regulamentação das ofertas educativas do ensino básico previstas no nº2 do artigo 7º do Decreto-Lei nº55/2018, de 6 de julho.

Decreto-Lei nº55/2018 de 6 de julho. Diário da República nº129 – 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores de avaliação das aprendizagens.

Decreto-Lei nº54/2018 de 6 de julho. Diário da República nº129 – 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva.

ANEXOS

ANEXO I – Critérios de avaliação – Conservatório de Guimarães

Critérios de Avaliação 2016-2017	
AVALIAÇÃO FORMATIVA	
<p>1. A avaliação formativa configura-se num processo de verificação contínua e sistemática dos domínios cognitivo e socio afetivo dos alunos.</p> <p>1. A avaliação formativa visa a regulação de todo o processo de ensino e aprendizagem. Como tal, recorre-se a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, conforme a natureza das aprendizagens e dos contextos em que estas se desenvolvem.</p>	
Competências Gerais	
Domínios	Indicadores
DOMÍNIO COGNITIVO <i>Conteúdos programáticos</i> (competências específicas)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Resultados em momentos de avaliação; ▪ Resultados dos trabalhos propostos; ▪ Desempenho em contexto de aula; ▪ Perceção e técnica musical; ▪ Coordenação motora; ▪ Capacidade de auto regulação; ▪ Transferir e aplicar conhecimentos adquiridos a novos contextos; ▪
DOMÍNIO SÓCIO AFETIVO (atitudes e valores)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentido de organização e responsabilidade; ▪ Interesse, empenho e participação do aluno; ▪ Relação interpessoal; ▪ Cooperação e dinâmica de grupo; ▪ Cumprimento das normas e regulamento estipulado; ▪ Autonomia e aplicação dos métodos de estudo.
Competências Específicas	
Instrumento	
Canto	Cordas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Postura; ▪ Respiração; ▪ Afinação; ▪ Qualidade de emissão e projeção vocal; ▪ Clareza e correção fonética; ▪ Segurança na execução musical; ▪ Adequação ao estilo e estética musical; ▪ Capacidade de reprodução do texto musical. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Postura ao instrumento; ▪ Técnica da mão esquerda; ▪ Técnica de arco; ▪ Capacidade de reprodução do texto musical; ▪ Adequação ao estilo e estética musical.

Percussão	Sopros
<ul style="list-style-type: none"> • Postura ao instrumento; • Afinação; • Sonoridade; • Coordenação motora • Segurança na execução musical; • Adaptação aos vários instrumentos • Adequação ao estilo e estética musical; • Capacidade de reprodução do texto musical. • Postura ao instrumento; • Respiração; • Afinação; • Articulação; • Sonoridade; • Segurança na execução musical; • Adequação ao estilo e estética musical; • Capacidade de reprodução do texto musical. 	
Teclas	
<ul style="list-style-type: none"> • Postura ao instrumento; • Capacidade de reprodução do texto musical; • Capacidade de apreensão e auto correção; • Segurança na execução musical; • Conhecimento das diferentes potencialidades timbricas do instrumento; • Adequação ao estilo e estética musical. 	
Ciências Musicais	
Análise e Técnicas de Composição (ATC)	Formação Musical
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de análise melódica, harmónica e da percepção das estruturas formais de obras de diferentes épocas; • Conhecimento e dominar dos vários elementos que caracterizam a linguagem musical do ponto de vista estético e histórico; • Conhecimento e domínio dos sistemas musicais -modos/escalas, ritmo, harmonia e instrumentação; • Desenvolver a capacidade de escrever pequenos trechos mediante as regras pré-definidas conforme o programa estipulado; • Capacidade em reconhecer as 	

<p>obras de referência e identificar compositores e escolas de composição;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dominar técnicas de composição específicas de acordo com orientações estéticas de vários períodos abordados. • Percepção de elementos musicais e sua aplicação escrita – ditados e transcrições musicais; • Percepção de elementos musicais e sua aplicação oral – leitura de excertos musicais; • Capacidade de leitura – leitura correta e fluente em frases rítmicas e melódicas, com ou sem nome de notas. Afinação, sentido tonal e sentido rítmico; • Capacidade de improvisação; • Capacidade de concentração e de memorização; • Domínio teórico dos vários elementos que compõem a linguagem musical. 	
História da Música	
<ul style="list-style-type: none"> ◦ Conhecimento da linguagem musical, orientações estéticas, obras, compositores, géneros e formas das diferentes épocas; ◦ Capacidade de discriminação e sensibilidade auditiva; ◦ Capacidade de apreciação crítica; ◦ Aquisição e domínio de um vocabulário musical para descrever, analisar e interpretar; ◦ Domínio de um vocabulário e terminologia científica correta; ◦ Competências linguísticas – orais e escritas. 	
Classe de Conjunto	
Coro	Orquestra
<ul style="list-style-type: none"> • Afinação; • Postura; • Domínio da respiração; • Emissão vocal; • Dicção e correção fonética; • Aquisição e aplicação de conceitos; • Desenvolvimento de atitude performativa em grupo. • Afinação; • Postura; • Qualidade de som; 	

<ul style="list-style-type: none"> • Articulação; • Leitura; • Expressão e interpretação musical; • Desenvolvimento de atitude performativa em grupo. 	
---	--

AVALIAÇÃO SUMATIVA

<p>1. A avaliação sumativa incide sobre as aprendizagens e competências musicais dos alunos e tem como referência os programas definidos em cada Departamento Curricular, apresentados e aprovados pelo Conselho Pedagógico da escola;</p> <p>1. No 3º ano do curso secundário de música será realizado um recital e uma prova técnica à disciplina de Instrumento com um peso de 40% da nota final. Será ainda realizado um Projeto de Aptidão Artística de acordo com o regulamento específico do projeto;</p> <p>1. As provas das disciplinas do Departamento de Ciências Musicais realizam-se na modalidade escrita e / ou oral. Se solicitado pelo professor da disciplina considerem-se ainda trabalhos de pesquisa, portefólios ou outros;</p> <p>1. Os pesos relativos de cada prova de avaliação são definidos e fixados por cada Departamento Curricular, apresentados e aprovados no Conselho Pedagógico da escola;</p> <p>1. As provas de avaliação são previamente marcada com os alunos nos dias assinalados e previamente fixados pelo Conselho Pedagógico da escola;</p> <p>1. No 3º período será realizada uma Prova Global às disciplinas de Instrumento e de Formação Musical para os alunos do 9º ano de escolaridade. O peso desta prova na avaliação do aluno é de 30% da nota final.</p>

Avaliação e Classificação

Nível de Ensino	Níveis de classificação
Iniciação Musical – 1 ciclo	Classificação Qualitativa
Curso Básico – 2º e 3º ciclo	Classificação de 1 a 5
Curso Secundário	Classificação de 0 a 20

Nomenclatura de Classificação

Percentagem	Classificação Qualitativa	Níveis	Valores
0 – 19%	Fraco	Nível 1	0 – 7
20 – 49%	Não Satisfaz	Nível 2	8 – 9
50 – 69%	Satisfaz	Nível 3	10 – 13
70 – 89%	Satisfaz Bastante	Nível 4	14 – 17
90 – 100%	Excelente	Nível 5	18 – 20

Domínios	Percentagem		
	2º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário
Domínio cognitivo	65%	70%	85%
Atitudes e Valores	35%	30%	15%

ANEXO II – Exemplo de planificação de aula



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

Plano de Aula

Ano:	5º	Curso:	Percussão	Grau:	1º	Regime:	Articulado	Duração:	45 min	Instrumento:	Percussão	Data:	15 de Março de 2017, das 11h:15-12h:00
Alunos	António Pedro e José Afonso												
Docente/Mestrando	Miguel Carneiro												
Caracterização do aluno	António Pedro	Este aluno, que ingressou no início deste ano no segundo ciclo da Academia de Música Valentim Moreira de Sá, já frequentava aulas de percussão numa escola privada revelando capacidades acima da média, tanto a nível técnico como musical. Apesar do aluno não ter instrumento próprio, o trabalho desenvolvido na academia, fora das aulas, é produtivo											
	José Afonso	Este aluno, que ingressou no início deste ano no segundo ciclo da Academia de Música Valentim Moreira de Sá não teve possibilidades de contactar com a percussão antes, no entanto, dado o seu empenho e trabalho com apuro, revela capacidades tanto a nível técnico como musical a um nível muito bom. Apesar do aluno não ter instrumento próprio, o trabalho desenvolvido na academia, fora das aulas, é muito produtivo.											
Contextualização temporal da aula	Esta será a penúltima aula antes da prova de avaliação do 2º período. Através de uma reflexão cuidadosa e de uma criteriosa seleção, em conjunto com o professor destes alunos, apresentarei alguns exercícios que visam desenvolver: o equilíbrio sonoro, a coordenação motora e a relação com o instrumento aprimorando os exercícios de bateria, de Joel Rothman, e a peça de vibrafone "Vibraslow" de E. Sejournée.												



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

Conteúdos	Objetivos de aprendizagem a atingir	Recursos didáticos	Estratégia de ensino geral	Sequência das atividades-Tempos	Avaliação (instrumentos)
<p>Conteúdos declarativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Noção de frase rítmica e da hierarquia dos instrumentos no Rock; Trabalhar com gravação; <p>Conteúdos Processuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> Exercícios técnicos na bateria: <ul style="list-style-type: none"> -Singles; -Doubles. Escala de Dó maior no Vibrafone e na Marimba. <p>Conteúdos a nível de repertório:</p> <ul style="list-style-type: none"> Exercício 20 de bateria do livro "Basic Drumming", de Joel Rothman; 	<p>O aluno devem ser capazes de:</p> <p>Ao nível do domínio Cognitivo Na Bateria</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a hierarquia dos instrumentos no Rock; Executar os exercícios técnicos em cada um dos instrumentos da bateria (prato, caixa e bombo), separadamente- Singles; Executar os exercícios técnicos em cada um dos instrumentos (prato, caixa e bombo) em simultâneo – Doubles; Tocar as 4 últimas linhas do Exercício 20. <p>No Vibrafone:</p> <p>Tocar a escala de Dó maior usando o pedal de duas em duas notas; Tocar a peça "Vibraslow" respeitando o tempo e a função de cada parte.</p>	<p>Ao nosso dispor temos uma sala munida de cerca de 5 cadeiras e uma secretária. Nesta sala temos também vários instrumentos de percussão tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> Bateria; Vibrafone; Marimba. 	<p>Iniciaremos com um breve momento de aquecimento, em que serão explicados os objetivos de aprendizagem para esta aula, os critérios de avaliação e respetivos descritores de desempenho;</p> <p>Proseguiremos a aula pelos exercícios técnicos executados na bateria por um dos alunos enquanto o outro os executa simulando a bateria no seu corpo à semelhança do trabalho que podem realizar em casa.</p> <p>Em seguida veremos o Exercício 20 do livro "Basic Drumming" de Joel Rothman executado na Bateria por um simulado pelo outro.</p> <p>Proseguiremos para o vibrafone e para a marimba onde iniciaremos por tocar a escala de Dó maior, em simultâneo e alternando cada um dos alunos, e em seguida a peça "Vibraslow" do livro "Les Claviers à percussions parcourant le monde" de Emmanuel Sejournée com gravação. No final da aula, será feita a reflexão conjunta, sobre o desenvolvido da aula, em que os alunos farão a</p>	<p>Aquecimento - Ativação dos músculos trabalhados na aula (5 a 7 min); Interiorização dos objetivos de aprendizagem propostos pelo professor; Bateria: Execução dos Exercícios técnicos (7 a 10 min); Execução dos últimas 4 linhas do exercício 20 do livro "Basic Drumming" de Joel Rothman(15 a 18 min);</p> <p>Vibrafone/Marimba: Tocar a escala de Dó maior(4 a 6 min); Tocar a Peça "Vibraslow" do livro "Les Claviers à percussions parcourant le monde" de Emmanuel Sejournée (8 a 10 min); Momento de reflexão sobre o trabalho desenvolvido na aula e autoavaliação (4 a 5 min).</p>	<p>Avaliação essencialmente Formativa ao longo da aula, com feedback imediato e inteligente do professor. O professor dará, imediatamente, o <i>feedback</i> para que o aluno possa ultrapassar as dificuldades e ou reforçar os seus sucessos para motivar o aluno.</p> <p>Instrumentos: - Observação direta do desempenho do aluno durante a execução das atividades propostas;</p>

Docente/Mestrando: Miguel Soares Ferreira de Sousa

Ano letivo 2016/2017



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

<ul style="list-style-type: none"> Peça "Vibraslow" do livro "Les Claviers à percussions parcourt le monde", de Emmanuel Sejournée. 	Ao nível do domínio Socio-afetivo(competências) <ul style="list-style-type: none"> Pontualidade Responsabilidade(material/estudo) Participação 		autoavaliação das suas aprendizagens, de acordo com a grelha apresentada pelo professor no início da aula, e o professor dará o feedback. Para finalizar o professor marcará o trabalho de casa em função da consecução das aprendizagens, que enviará por e-mail aos alunos com as recomendações de estudo.	Registo do TP proposto pelo professor (3 a 4 min).	- Grelha de Autoavaliação formativa.
--	--	--	---	--	--------------------------------------

Docente/Mestrando: Miguel Soares Ferreira de Sousa

Ano letivo 2016/2017



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

Grelha de autoavaliação das aprendizagens do aluno António Pedro

Aluno: António Pedro

Ano: 5º

Grau: 1º

Domínio: das Competências Cognitivas		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Instrumentos	Critérios de avaliação				
Bateria	Reconhecer a hierarquia dos instrumentos no Rock.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo e conseguiu executar de acordo com a mesma.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo, mas teve pequenas dificuldades em executar de acordo com a mesma.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo, mas teve dificuldades em executar de acordo com a mesma.	Não conseguiu reconhecer ou executar segundo a hierarquia dos instrumentos no Rock.
	Executar os exercícios técnicos em cada um dos instrumentos (Prato, caixa e bombo) separadamente.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente sem dificuldade.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade num dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade em dois dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade em todos.
	Executar os exercícios técnicos com todos instrumentos (Prato, caixa e bombo) em simultâneo.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo sem dificuldade.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade num dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade em dois dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade em todos.
	Tocar as 4 últimas linhas do Exercício 20 de bateria.	Tocou as 4 últimas linhas do exercício 20 sem dificuldade.	Tocou os exercícios com pequenas alterações de tempo.	Tocou os exercícios com várias alterações de tempo.	Tocou os com o tempo instável.
Vibrafone/Marimba	Tocar a escala de Dó maior usando o pedal de duas em duas notas	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal de duas em duas notas com segurança.	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal quase sempre de duas em duas notas.	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal, mas não conseguiu coordenar o pedal de duas em duas notas.	Tocou a escala de Dó maior, mas quando adicionava o pedal já não conseguia tocar.

Docente/Mestrando: Miguel Soares Ferreira de Sousa

Ano letivo 2016/2017



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES
Grelha de autoavaliação das aprendizagens do aluno António Pedro

Aluno: António Pedro		Ano: 5º	Grau: 1º		
Domínio: das Competências Cognitivas		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Instrumentos	Critérios de avaliação				
Bateria	Reconhecer a hierarquia dos instrumentos no Rock.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo e conseguiu executar de acordo com a mesma.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo, mas teve pequenas dificuldades em executar de acordo com a mesma.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo, mas teve dificuldades em executar de acordo com a mesma.	Não conseguiu reconhecer ou executar segundo a hierarquia dos instrumentos no Rock.
	Executar os exercícios técnicos em cada um dos instrumentos (Prato, caixa e bombo) separadamente.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente sem dificuldade.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade num dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade em dois dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade em todos.
	Executar os exercícios técnicos com todos os instrumentos (Prato, caixa e bombo) em simultâneo.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo sem dificuldade.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade num dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade em dois dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade em todos.
	Tocar as 4 últimas linhas do Exercício 20 de bateria.	Tocou as 4 últimas linhas do exercício 20 sem dificuldade.	Tocou os exercícios com pequenas alterações de tempo.	Tocou os exercícios com várias alterações de tempo.	Tocou os com o tempo instável.
Vibrafone/Marimba	Tocar a escala de Dó maior usando o pedal de duas em duas notas	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal de duas em duas notas com segurança.	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal quase sempre de duas em duas notas.	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal, mas não conseguiu coordenar o pedal de duas em duas notas.	Tocou a escala de Dó maior, mas quando adicionava o pedal já não conseguia tocar.

Docente/Mestrando: Miguel Soares Ferreira de Sousa

Ano letivo 2016/2017



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES
Grelha de autoavaliação das aprendizagens do aluno José Afonso

Aluno: José Afonso		Ano: 5º	Grau: 1º		
Domínio: das Competências Cognitivas		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Instrumentos	Critérios de avaliação				
Bateria	Reconhecer a hierarquia dos instrumentos no Rock.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo e conseguiu executar de acordo com a mesma.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo, mas teve pequenas dificuldades em executar de acordo com a mesma.	Reconheceu a maior importância da caixa e do bombo, mas teve dificuldades em executar de acordo com a mesma.	Não conseguiu reconhecer ou executar segundo a hierarquia dos instrumentos no Rock.
	Executar os exercícios técnicos em cada um dos instrumentos (Prato, caixa e bombo) separadamente.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente sem dificuldade.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade num dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade em dois dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos em todos os instrumentos separadamente, mas teve dificuldade em todos.
	Executar os exercícios técnicos com todos os instrumentos (Prato, caixa e bombo) em simultâneo.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo sem dificuldade.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade num dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade em dois dos instrumentos.	Executou os exercícios técnicos com todos os instrumentos em simultâneo, mas teve dificuldade em todos.
	Tocar as 4 últimas linhas do Exercício 20 de bateria.	Tocou as 4 últimas linhas do exercício 20 sem dificuldade.	Tocou os exercícios com pequenas alterações de tempo.	Tocou os exercícios com várias alterações de tempo.	Tocou os com o tempo instável.
Vibrafone/Marimba	Tocar a escala de Dó maior usando o pedal de duas em duas notas	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal de duas em duas notas com segurança.	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal quase sempre de duas em duas notas.	Tocou a escala de Dó maior usando o pedal, mas não conseguiu coordenar o pedal de duas em duas notas.	Tocou a escala de Dó maior, mas quando adicionava o pedal já não conseguia tocar.

Docente/Mestrando: Miguel Soares Ferreira de Sousa

Ano letivo 2016/2017



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

	Tocar a peça "Vibraslow" acompanhada pela gravação	Tocou a peça "Vibraslow" respeitando o tempo e a função de cada parte.	Tocou a peça "Vibraslow" respeitando o tempo, mas sem respeitar a função de cada parte.	Tocou a peça "Vibraslow" oscilando o tempo, e sem respeitar a função de cada parte.	Não conseguiu tocar a peça "Vibraslow" acompanhada pela gravação.
Domínio: Competências Sócio afetivas		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Pontualidade		O aluno compareceu dentro do horário estipulado.	O aluno compareceu 1 a 4 min. depois do horário estipulado.	O aluno compareceu 5 a 10 min. depois do horário estipulado.	O aluno compareceu 11 min. ou mais depois do horário estipulado.
Responsabilidade	Material	O aluno trouxe todo o material necessário para a aula. (Baquetas de caixa, partitura de bateria e partitura de vibrafone)	O aluno não trouxe um dos materiais necessários para a aula. (Baquetas de caixa, partitura de bateria e partitura de vibrafone)	O aluno não trouxe dois dos materiais necessários para a aula. (Baquetas de caixa, partitura de bateria e partitura de vibrafone)	O aluno não trouxe os materiais necessários para a aula. (Baquetas de caixa, partitura de bateria e partitura de vibrafone)
	Estudo (exercícios de bateria, peça "Vibraslow")	O aluno cumpriu com o horário de estudo e cumpriu com o trabalho de casa.	O aluno cumpriu com o horário de estudo, mas cumpriu parcialmente o trabalho de casa.	O aluno cumpriu com o horário de estudo, mas não cumpriu com o trabalho de casa.	O aluno não cumpriu com o horário de estudo, logo não cumpriu com o trabalho de casa.
Participação		O aluno conseguiu superar as dificuldades dos momentos da aula autonomamente, com ou sem indicações prévias.	O aluno conseguiu superar quase todas as dificuldades dos momentos da aula autonomamente, com ou sem indicações prévias.	O aluno conseguiu superar poucas das dificuldades dos momentos da aula autonomamente, com ou sem indicações prévias.	O aluno não conseguiu superar as dificuldades dos momentos da aula autonomamente, com ou sem indicações prévias.

Docente/Mestrando: Miguel Soares Ferreira de Sousa

Ano letivo 2016/2017



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

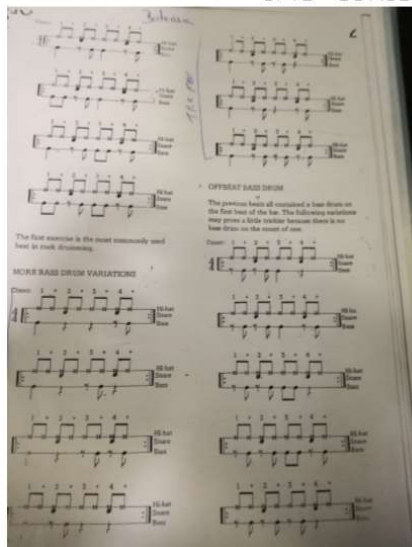


Figura 1 Exercícios para Bateria integrantes na planificação

Docente/Mestrando: Miguel Soares Ferreira de Sousa



Figura 2 Peça para vibrafone integrante na planificação

Ano letivo 2016/2017

Bibliografia

ROTHEMANS, Joel (1983). Exercise 20, in Joel Rothman, "Basic Drumming", London: J.R. Publications, pag.20.

SÉJOURNÉE, Emmanuelle(1997) "Vibraslow", in Emmanuelle Séjournée, "Les claviers à percussions parcourent le monde", França: Alfonse Production, vol.1.

ANEXO III – Parecer da Orientadora Científica



CATÓLICA PORTO
ARTES

PARECER

Na qualidade de orientadora científica da Prática Profissional, do Mestrado em Ensino de Música, **Miguel Soares Ferreira de Sousa Carneiro** declaro que o mestrando tem aproveitamento positivo na prática de ensino supervisionada e, desta forma, deve apresentar o respetivo relatório e projeto de intervenção pedagógica para defesa.

Este parecer baseia-se no facto do mestrando, após terminadas as observações das quatro aulas, ter revelado capacidades e competências para ser reconhecido profissionalmente nas áreas de especialização - **Ciências Musicais: composição e Prática Instrumental e Vocal: percussão** - e ter desenvolvido as competências imprescindíveis à atividade docente, quer no que diz respeito à apropriação dos conceitos científicos e da sua terminologia, quer na prática pedagógica e avaliativa.

Durante o tempo que durou a prática pedagógica supervisionada, o mestrando esforçou-se por melhorar as planificações das aulas, por aprofundar as técnicas de diferenciação pedagógica e os instrumentos de avaliação formativa e formadora. Reconheço a evolução verificada na prática de ensino e o esforço que demonstrou para fazer uma boa gestão do tempo de aula.

O mestrando revelou, ainda, autonomia, saber específico, competência didática para saber ensinar instrumento percussão, no Curso de Percussão, nas turmas do 3º grau, 7ºano, 3ºciclo e, 1º grau, 5ºano, 2º ciclo, regime articulado, capacidade de reflexão sobre a própria prática e uso do poder na escolha do repertório diversificado para fazer aprender com ação estratégica, tendo-se refletido em melhores aprendizagens dos alunos.

Desta forma, considero que o desempenho da função está assegurada e que a apropriação de uma profissionalidade docente construída dentro da profissão, num trabalho colaborativo contínuo entre pares, irá, no futuro, consolidar e melhorar essa função.

Porto, Universidade Católica Portuguesa, 30 de maio de 2017

A Orientadora Científica

(Luísa Orvalho)

ANEXO IV – Parecer do Orientador Pedagógico Cooperante



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

Na qualidade de Orientador Pedagógico Cooperante da Prática Profissional, do Mestrado em Ensino de Música, de **Miguel Soares Ferreira de Sousa Carneiro** declaro que o mestrando tem aproveitamento positivo na prática de ensino supervisionada e, desta forma, deverá apresentar o respetivo relatório e projeto de intervenção pedagógica para defesa.

Este parecer positivo baseia-se no facto do mestrando, após terminadas as observações das vinte aulas, dez das quais assistidas pelo mestrando e dez ministradas sob minha observação, ter revelado capacidades e competências para ser reconhecido profissionalmente nas áreas de especialização **Ciências Musicais: composição e Prática Instrumental e Vocal**, nomeadamente **Prática Instrumental e Música de Câmara em Percussão** - e ter desenvolvido as competências imprescindíveis à atividade docente, quer no que diz respeito à apreensão dos conceitos científicos e da sua terminologia, quer na prática pedagógica e avaliativa.

Durante o período de duração da prática pedagógica supervisionada, o mestrando esforçou-se por melhorar as planificações das aulas, por aprofundar as técnicas de diferenciação pedagógica e ainda os instrumentos de avaliação formativa e formadora. Reconhece-se a evolução verificada na prática de ensino e o esforço que o mesmo demonstrou para realizar uma boa gestão do tempo de aula.

O mestrando revelou, ainda, autonomia, saber específico, competência didática de forma a lecionar os instrumentos de Percussão, nas turmas do 3.º grau, 7.º ano, 3.º ciclo, 1.º grau, 5.º ano, 2.º ciclo, regime articulado, demonstrou capacidade de reflexão sobre a própria prática e utilizou um repertório diversificado como ação de estratégia para uma melhor aprendizagem por parte dos respetivos alunos, sendo certo que essa estratégia refletiu-se na aprendizagem dos mesmos.

Com efeito, e face ao supra exposto, considero que o desempenho da função está assegurado e que a apropriação de uma profissionalidade docente construída dentro da profissão, num trabalho colaborativo contínuo entre pares, irá, no futuro, consolidar e melhorar essa mesma função.

Guimarães, Conservatório de Guimarães, 23 de junho de 2017

O Orientador Pedagógico Cooperante

(João Paulo da Silva Fernandes)

ANEXO V – Parecer dos Alunos

O meu professor é muito divertido. Está sempre pronto a ajudar-me, é muito bom músico e é um professor que me está sempre a motivar.

Toco percussão desde os 6 anos, ou seja, há 7 anos. Felizmente, tive sempre o mesmo professor e, ainda melhor, quando é o professor Miguel. Tenho com ele uma relação que não tenho com nenhum outro professor porque o conheço há muitos anos e, também, porque falamos um para o outro com muito à vontade, como não falo com mais nenhum professor.

Nunca me vou esquecer dele pois ele trata-me com muito carinho.

Para mim, ele já não é só um professor, é um amigo.

Tiago Pereira

ANEXO VI – Parecer do Encarregado de Educação

Conheci o professor Miguel quando o meu filho Tiago tinha 6 anos. Eu decidi inscrevê-lo em aulas de música e ele, em boa hora, decidiu aprender percussão.

Nestes 7 anos que passaram posso afirmar, modéstia à parte, que o meu filho evoluiu muitíssimo. Uma quota parte dessa evolução deve-se ao professor Miguel.

Por vezes, achamos que os professores mais experientes são melhores e, enquanto pais, ficamos um pouco “desconfiados” quando vemos um professor muito jovem.

O que aconteceu neste caso é que a juventude não tirou profissionalismo, responsabilidade, empenho e dedicação ao professor Miguel mas permitiu, na minha opinião, uma coisa muito interessante. Ambos cresceram juntos. Um enquanto professor e outro enquanto “percursionista”, o que criou entre eles uma relação muito bonita.

O professor Miguel é um ídolo para o Tiago, ele considera-o um excelente músico, aliás não há melhor percursionista. Modéstia à parte, acho que o professor Miguel nutre, pelo Tiago, um carinho grande. Gosta de lhe lançar desafios que o Tiago agarra sempre com muito orgulho porque sente que o professor deposita muita confiança nele. Esforça-se ao máximo, por ele mas também porque não quer desiludir o professor. Esse professor de quem ele tanto gosta, que tanto aposta nele, que tanto o elogia, que tanto o motiva.

É neste sentido que o professor Miguel “ganha” aos ditos professores “experientes” porque, não perdendo as suas qualidades profissionais, consegue criar com os alunos (e não só com o Tiago) uma relação de amizade, de proximidade que nem sempre vejo noutros professores.

Também com os pais, o professor Miguel, apesar da sua timidez, apresenta-se sempre como um professor muito disponível e extremamente educado. Além disso, e apesar do pouco tempo semanal que passa com os alunos, demonstra um grande conhecimento das suas características pessoais, o que também é muito importante para a sua evolução enquanto músicos.

Não podia deixar de dar este testemunho sobre o trabalho que o professor Miguel tem desenvolvido enquanto professor de percussão do meu filho no Conservatório de Música de Guimarães – Pólo de Vieira do Minho - e posso afirmar, com conhecimento de causa, que a minha opinião é transversal a outros pais cujos filhos também são seus alunos.

CAROLINA SOFIA FERREIRA

ANEXO VII – Parecer do Colega de Departamento

Parecer

Eu, Artur Miguel Lemos de Oliveira na qualidade de Professor do Conservatório de Música de Guimarães, (Departamento de Sopros e Percussão), venho por este meio testemunhar que o mestrando Miguel Soares Ferreira de Sousa Carneiro demonstra as competências profissionais e humanas necessárias para o ensino de música nas suas áreas de especialização.

O Miguel Carneiro tem contribuído com enorme empenho para a melhoria das suas práticas pedagógicas. É extremamente rigoroso e conhecedor tanto do Programa como do Projeto Educativo do Conservatório.

Relativamente às atividades artísticas realizadas pelo Departamento de Sopros e Percussão o Miguel Carneiro é um elemento muito colaborativo.

Enquanto colega de Departamento torna-se positivo a partilha de ideias, experiências e material pedagógico.

Guimarães, 3 de janeiro 2020



Artur Miguel Lemos de Oliveira

ANEXO VIII – Parecer do Colega de profissão e de mestrado

PARECER

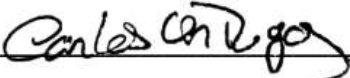
Na qualidade de Professor do Conservatório de Música de Guimarães, Carlos Alberto de Castro Ortiga, venho por este meio testemunhar que o mestrando Miguel Carneiro demonstra as competências humanas necessárias para o ensino da música nas suas áreas de especialização.

O mestrando contribui com o seu empenho e esforço para a melhoria das suas práticas pedagógicas e procura introduzir inovações didáticas e pedagógica na sua ação docente.

É conhecedor do Projeto Educativo da escola e apresenta-se como um elemento cooperante na realização das atividades artísticas do Conservatório.

Na qualidade de colega do mestrando Miguel Carneiro, é meu desejo demonstrar a gratidão pela partilha existente entre ambos durante a nossa frequência no Mestrado em Ensino de Música, realizado na Universidade Católica Portuguesa – Porto.

Guimarães, 2 de janeiro de 2020


Carlos Alberto de Castro Ortiga

ANEXO VIII –PIP - Exemplar de Inquérito 1

"Ensemble de Percussão"

O presente inquérito, elaborado pelo pelo mestrando Miguel Carneiro do mestrado em Ensino de Música da Universidade Católica do Porto relativo ao Projeto de Intervenção "Ensemble de Percussão" aplicado no Conservatório de Guimarães, tem como principal objetivo apurar o desenvolvimento dos participantes no decorrer do projeto na perspectiva dos seus encarregados de educação.

Este questionário é anónimo e todas as informações prestadas serão utilizadas somente para fins académicos.

Solicito a sua generosa colaboração no preenchimento deste questionário para melhor avaliar os resultados deste Projeto de Intervenção.

Grato pela sua colaboração,
Miguel Carneiro

1. Idade
38

2. Género
Marcar apenas uma oval.

Feminino
 Masculino

3. Grau de parentesco em relação ao participante?
Mãe

4. Habilitações académicas
Marque todas que se aplicam.

Ensino Básico
 Secundário
 Bacharelato
 Licenciatura
 Mestrado
 Doutoramento
 Outros: _____

5. De 1 a 6 classifique o interesse revelado pelo participante face ao projeto.
Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5 6
Nenhum Muito

6. O interesse revelado pelo aluno refletiu-se de que forma?

Marque todas que se aplicam.

- Pesquisa sobre a temática do projeto.
- Visualização de vídeos ou gravações das peças a ser tocadas.
- Partilha sobre o conteúdo das sessões do projeto.
- Outro: _____

7. De 1 a 6 classifique as alterações no estudo do participante fora do conservatório desde que integrou o projeto.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	
Não sofreu alterações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	O estudo intensificou-se

8. De 1 a 6 classifique a sua satisfação perante o projeto aplicado.

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	
Pouca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Muita

9. Após assistir à audição, resultado final do projeto, verifica uma evolução positiva do participante?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Se não, porquê?

10. Apresente sugestões para a melhoria do projeto ou comentários em relação ao mesmo:

ANEXO IX –PIP – Exemplar de Autorização Com Consentimento



SMG - CONSERVATÓRIO DE GUIMARÃES

No âmbito do mestrado em ensino de Música, lecionado na Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, venho por este meio pedir a vossa colaboração e consentimento, para que o(a) vosso(a) educando(a), seja parte integrante no Projeto de Intervenção Pedagógica “**ENSEMBLE DE PERCUSSÃO**”, com o mestrando Miguel Carneiro.

O objetivo do projeto é complementar a aprendizagem dos alunos de percussão do segundo e terceiro ciclos de ensino facultando-lhes a possibilidade de tocarem em conjunto.

Todos os dados recolhidos serão tratados para posteriormente incluir no Relatório do Projeto de Intervenção Pedagógica, não será mencionado em momento algum a identidade ou outro dado pessoal dos intervenientes no projeto.

A atividade decorrerá durante os meses de fevereiro, março e início de abril. As sessões serão de uma hora por semana onde serão trabalhadas várias peças de conjunto e onde se fomentará o trabalho colaborativo enquanto potenciador da motivação dos alunos.

A frequência desta atividade não terá custos para os alunos, no entanto, pede-se o máximo de empenho e assiduidade, de modo a que o projeto seja bem-sucedido. Os ensaios serão às quintas das 17 horas até às 18 horas, no final do projeto realizar-se-á uma audição onde se demonstrará o trabalho realizado durante as sessões.

Eu _____, encarregado de educação do aluno/a _____, autorizo o meu educando/a a participar no Projeto de Intervenção Pedagógica “Ensemble de Percussão” e dou o meu consentimento para a recolha de dados e imagens durante o projeto.

Índice de Figuras

FIGURA 1 AVALIAÇÃO SUMATIVA	78
FIGURA 2 MOVIMENTO NA APRENDIZAGEM	79
FIGURA 3 TEMPO LIMITADO/TEMPO ILIMITADO	80
FIGURA 4 TOCAR EM GRUPO/ TOCAR SOZINHO	80
FIGURA 5 ALTERAÇÃO NO ESTUDO	81
Figura 6 "Chama e Segue"	82
Figura 7 "Farol Rítmico"	83
Figura 8 "Telefone estragado Musical"	83
Figura 9 "Lançar Palmas"	84
Figura 10 "Palma Sincronizada"	85

Índice de Tabelas

TABELA 1 - AULAS ASSISTIDAS	13
TABELA 2 - AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DA PRÁTICA PROFISSIONAL DO CURSO BÁSICO DE MÚSICA	26
TABELA 3 - CALENDÁRIO DAS FASES DO PROJETO	54
TABELA 4 - CALENDÁRIO DAS AULAS DE CONJUNTO	57
TABELA 5 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 1.....	58
TABELA 6 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 2.....	59
TABELA 7 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 3.....	60
TABELA 8 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 4.....	62
TABELA 9 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 5.....	63
TABELA 10 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 6.....	65
TABELA 11 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 7	67
TABELA 12 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 8.....	68
TABELA 13 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 9.....	69
TABELA 14 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 10.....	71
TABELA 15 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 11	72
TABELA 16 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 12.....	73
TABELA 17 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 13	74
TABELA 18 - PLANIFICAÇÃO SESSÃO nº 14	75
TABELA 19 - CONCERTO.....	76